



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Mestrado em Jornalismo

**Questões de Género nas Estruturas Hierárquicas do Jornalismo
Televisivo – o Caso da SIC**

Relatório de estágio com vista à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo

Diana Catarina de Freitas Marques

Trabalho orientado pela Prof^a Doutora Anabela de Sousa Lopes

Lisboa, Outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Declaro ser autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 4 de Outubro de 2013

A candidata,

RESUMO

O presente relatório de estágio foi elaborado no âmbito do Mestrado em Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa, com vista à obtenção do grau de mestre. Assim sendo, este documento dá conta do meu percurso de estágio realizado na Sociedade Independente de Comunicação (SIC), iniciado a 10 de Dezembro de 2012 e terminado a 10 de Junho de 2013.

Tendo em conta as questões de género como base fundamental de todo este trabalho, tentei verificar a existência da desigualdade entre homens e mulheres na SIC, nomeadamente analisando o acesso das mulheres a lugares de chefia. Posto isto, a principal conclusão verificada foi que, de facto, existem mais mulheres jornalistas do que homens; contudo, não é possível falar-se de discriminação entre sexos, apesar de se confirmar que, socialmente e dentro da empresa, há tendência para se pensar de maneira diferente em relação a cada um dos géneros.

Palavras-chaves: Género; Feminismo; Jornalismo; SIC.

ABSTRACT

This internship report was prepared as part of the MA in Journalism at the Higher School of Communication and Media Studies. Thus, it gives an account of my journey of training held at the Society of Independent Communication (SIC), started December 10th 2012 and ending on June 10th 2013.

Taking into account gender issues as a fundamental basis of all this work, I tried to verify the existence of inequality between men and women at SIC, in particular by examining women's access to leadership positions. Hence, the main conclusion was verified that, in fact, there are more women journalists than men; however, it is not possible to speak of gender discrimination although they confirm that socially and within the company, there is a tendency to think differently in relation to each of the genders.

Keywords: Gender, Feminism, Journalism; SIC.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Anabela de Sousa Lopes, por toda a paciência, sabedoria, exigência e disponibilidade. Por nunca ter deixado de acreditar que este trabalho era possível. Nunca me vou esquecer de toda a força e carinho transmitidos no decorrer deste ano lectivo.

À Professora Doutora Isabel Simões, por ter impulsionado a minha curiosidade e a minha vontade em estudar as questões de género.

Ao meu pai, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e por ter sempre orgulho em mim.

À minha mãe, por me fazer sentir especial e por me mostrar que eu tenho capacidades de chegar sempre mais além.

À minha irmã, por ter estado sempre lá e por ser a minha melhor amiga. Há distâncias que se encurtam facilmente.

Ao meu namorado, pela paciência, pelo amor, e por me fazer rir quando tudo o que me apetecia era chorar.

À *Kika*, por me conhecer melhor do que ninguém e aturar os meus desesperos.

À Paula, pela amizade e afectos transmitidos ao longo desta caminhada.

À Marina, por ter sido um pilar essencial em vários momentos da minha vida académica.

À *Chana*, por acreditar sempre em mim e dar valor a tudo aquilo que faço.

À Maria, por ter estado sempre do meu lado e não me deixar desistir. Mais do que uma colega de Mestrado, é uma amizade que levo para sempre.

Às minhas também companheiras de curso, Maryline e Joana, pelos momentos especiais que passámos juntas.

À SIC, por me ter aberto as portas e por ter feito com que eu passasse os melhores seis meses da minha vida.

A toda a minha família, amigos, colegas de Mestrado e professores.

A todos os que me acompanharam e que aguentaram os meus gritos, histerias e paranóias. Sem vocês, nada disto faria sentido. Muito obrigada.

Índice

DECLARAÇÃO	II
RESUMO	III
ABSTRACT	IV
AGRADECIMENTOS	V
 Introdução.....	 4
Capítulo I - <i>Instituição de acolhimento</i>	6
1. O Grupo Impresa	7
1.1 História.....	7
2. A SIC	8
2.1 Cronologia	11
2.2 Universo SIC.....	12
2.2.1 SIC Notícias	13
2.2.2 SIC Radical	13
2.2.3 SIC Mulher.....	13
2.2.4 SIC Kids	14
2.2.5 SIC Internacional	14
2.2.6 SIC Esperança	14
2.2.7 SIC Online.....	15
2.3 Redacção de informação	15
2.4 A direcção e coordenação da equipa de informação.....	18
Capítulo II - <i>Questões de género</i>	19
3. O que é o género?	20
3.1 Abordagem histórica ao Feminismo	21
3.2 As mulheres nas organizações e nos processos de tomadas de decisão	25
Capítulo III - <i>O Estágio na SIC</i>	29
4. O contacto com o telespectador.....	30
4.1 Opinião Pública, SIC Notícias	30
4.2 O trabalho realizado nos serviços noticiosos	36
4.2.1 Primeiro-Jornal.....	36

4.2.2 Madrugadas	46
Conclusão	48
Bibliografia.....	50
 ANEXOS	 54
Anexo 1 – Entrevista Liliana Gomes	55
Anexo 2 – Entrevista Marta Atalaya.....	58
Anexo 3 – Entrevista Rita Neves	60
Anexo 4 – Entrevista Ana Luísa Fernandes.....	63
Anexo 5 – Entrevista Paulo Garcia.....	66
Anexo 6 – Entrevista Miguel Franco de Andrade	70
Anexo 7 – Entrevista José Gomes Ferreira.....	73
Anexo 8 – Entrevista António José Teixeira	76
Anexo 9 - Reportagens.....	80
Anexo 10 - Contrato de estágio	81

"Não se nasce mulher: torna-se mulher.",
Simone de Beauvoir

Introdução

Pessoalmente, acredito que o estágio é um momento fundamental no processo de formação profissional. Através dele, consegui perceber a exigência do mundo jornalístico. Assim sendo, considero que o estágio desempenha de forma eficiente um elo de ligação entre os mundos académico e profissional, possibilitando ao estagiário a oportunidade de conhecimento das directrizes e do funcionamento das organizações, criando oportunidades de exercitar a prática profissional, para além de enriquecer e actualizar a formação académica desenvolvida. Posto isto, este relatório de estágio contempla as actividades desenvolvidas durante os seis meses que estive na SIC, destacando as principais aprendizagens, bem como alguns dos obstáculos vivenciados.

Antecipadamente, documentei-me sobre uma problemática que tentei explorar ao longo dos seis meses de estágio na SIC: as questões de género nas estruturas hierárquicas da empresa constituíram o meu foco de análise. Assim sendo, o objectivo primordial deste trabalho foi perceber se existe, de facto, desigualdade entre géneros no universo laboral da SIC, nomeadamente no acesso das mulheres a lugares de chefia. Interessou então perceber a proporção entre o corpo jornalístico e o topo das hierarquias. Em torno desta problemática central tentei perceber de que modo a questão de género poderia influenciar as tomadas de decisão; como tem sido o acesso das mulheres a cargos de chefia ao longo dos últimos anos e se estará ainda a mulher associada à “imagem” e o homem ao “poder/competência”.

Este relatório encontra-se estruturado em três capítulos centrais. O primeiro está dividido em duas partes: a primeira parte apresenta a história do grupo Impresa, que foi o grupo fundador da SIC; a segunda parte explana detalhadamente a trajectória histórica do canal e o modo como ela se organiza e funciona internamente. O segundo capítulo deste documento faz uma contextualização teórica do tópico de discussão – as questões de género, fazendo uma breve abordagem ao feminismo e à questão das mulheres nas organizações e nos processos de tomada de decisão. Por último, o terceiro capítulo apresenta detalhadamente todo o meu percurso de estágio, destacando as principais conclusões que retirei em torno do meu objecto de estudo: as mulheres nas estruturas hierárquicas e nas práticas do jornalismo televisivo.

Finalmente, a última parte deste relatório de estágio diz respeito à conclusão, onde faço uma análise global de todo o percurso de estágio, bem como uma retrospectiva relativamente à minha questão central.

Resumidamente, considero que as inúmeras tarefas de cariz profissional que desempenhei durante o estágio se revelaram fundamentais para a aquisição de competências práticas na área do jornalismo televisivo. Foi através dessas tarefas e do contacto directo com jornalistas profissionais que me pude consciencializar sobre o funcionamento de uma redacção e da complexidade do trabalho jornalístico. No decorrer do estágio, foi fulcral mobilizar referenciais teóricos, muitos dos quais apreendidos em contexto académico, o que se revelou fundamental no decorrer das actividades práticas.

Capítulo I
Instituição de acolhimento

1. O Grupo Impresa

O grupo Impresa é um dos maiores grupos de comunicação social do país e detém participações em diversos segmentos de negócios na área dos média. Este grupo reúne títulos de jornais, revistas, canais de televisão pública e por cabo, alguns dos mais conceituados em Portugal.

1.1 História¹

Com a criação do *Expresso*, em 1972, o grupo começava a dar os seus primeiros passos no panorama mediático nacional. Apesar da censura e das dificuldades de toda a ordem, foi possível criar um semanário de qualidade, que ainda hoje é dos mais vendidos em Portugal. Este foi o jornal que serviu de ponto de partida para o grupo se tornar aquilo que é hoje: um dos mais conceituados grupos de comunicação do país. Em Abril de 1988 foi criada a *Controljournal*, para ser a empresa “Holding”² de todo o grupo e que agrupou as diversas participações detidas pelo mesmo. Mas só três anos mais tarde, em Março de 1991 é que o capital social da *Controljournal* foi aberto a investidores externos e concorreu à atribuição de licenças para dos primeiros canais de televisão privados. Tornou-se assim um dos accionistas fundadores da SIC – Sociedade Independente de Comunicação, aquele que foi o primeiro canal privado de televisão em Portugal. A SIC começou as suas emissões em Outubro de 1992 e tornou-se líder de audiências ao fim de apenas três anos de emissão. Em 1999, o grupo Impresa já detinha 51% do capital da SIC e 37,3% do interesse económico e passou assim a abrir o seu capital a novos investidores. Um ano depois, o grupo Impresa aumentou o seu interesse económico na SIC para 51% e foi admitida na Bolsa de Valores de Lisboa, o que se tornou num marco histórico para o grupo. Mais tarde, no final do ano de 2005, elevou a sua participação para os 100% do capital da SIC. Em 2001, a SIC desenvolveu novas áreas de actividade, iniciando um novo ciclo de expansão. Assim sendo, seis anos mais tarde, surgiu a Impresa Digital, que foi um meio de potenciar a participação na Internet e nas novas tecnologias, permitindo que o grupo se afirmasse em múltiplas plataformas. Actualmente, a componente multimédia não só é uma prioridade, como uma necessidade, em qualquer meio de comunicação social.

¹ Consultado em: <http://www.impresa.pt/folder3/Impresa/Institucional/QuemSomos.html>, 27-Nov-12

² Uma Holding é uma “empresa cujo objecto consiste em tomar e deter participações noutras empresas com vista a controlá-las ou a dirigir as suas actividades.” [Bernard & Colli, 1997]

O grupo Impresa tornou-se num dos maiores editores de publicações a partir do final de 2008, com mais de 30 publicações, incluindo o *Expresso*, a *Visão*, a *Caras*, a *Exame*, entre outras. Sendo o maior grupo de comunicação social em Portugal, o grupo tem um volume de negócios de mais de 250 milhões de euros. SIC, Impresa Publishing e Impresa Digital são as três grandes áreas de negócio do grupo, que abrangem uma estação de televisão, canais por cabo, revistas, jornais e ainda várias propriedades na Internet. Francisco Pinto Balsemão é o líder do grupo, bem como presidente da SIC – Sociedade Independente de Comunicação, SA.

2. A SIC

Como referi anteriormente, a 6 de Outubro de 1992 foi criada a Sociedade Independente de Comunicação (SIC) e nasceu assim a primeira televisão privada, independente e comercial, a operar em Portugal, que pôs fim a trinta e cinco anos de monopólio estatal no mercado televisivo português³. Como refere Felisbela Lopes (2012: 63),

”o início da década de 90 marca uma mudança do paradigma do jornalismo em Portugal. Há 20 anos tínhamos o início do Público, da TSF, do Independente. A SIC aparece no caldo desta afirmação da comunicação social como contrapoder, sendo histórica a sua influência no jornalismo televisivo, que vai afetar primeiro a RTP, e depois a TVI.”

Ou seja, o aparecimento do primeiro canal privado acabou com a exclusividade que a RTP detinha no mercado televisivo nacional até então e inseriu variedade no mercado, o que permitia que começasse a haver concorrência no mercado audiovisual. José Azeredo Lopes (ex-presidente da Entidade para a Comunicação Social), citado por Felisbela Lopes (2012: 80), sintetiza que,

“... pela primeira vez o espaço televisivo deixava de ser um exclusivo do serviço público; em segundo lugar, porque rapidamente se percebeu que, para construir o seu espaço próprio no mercado, a SIC iria recorrer a produtos televisivos que a RTP – então, bem mais conservadora – até aí não tinha tido vontade de utilizar; terceiro, porque ia haver concorrência, com os efeitos em cascata que essa nova realidade implicava; quarto, e não menos importante,

³ Consultado em: <http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/historia/>, 27-Nov-12

porque se criavam finalmente condições para, por exemplo, um pluralismo informativo.”

E foi precisamente o campo da informação a primeira aposta da SIC, o que permitiu que começasse a existir o “pluralismo informativo” em Portugal. Traquina (1997: 65), diz que “uma grande aposta do canal privado foi a informação que, por atingir o dobro do tempo dispensado pelos outros canais portugueses, significou a inversão da tendência dominante na Europa”. Ou seja, o que esteve na base do jornalismo da SIC foi o reinventar as notícias e contar as histórias através de elementos menos visíveis dos acontecimentos. Santos (2002: 90) refere que foi devido a essa aposta que a SIC teve uma progressão notável no que diz respeito às audiências. O autor explica que a estação assumiu a liderança do mercado audiovisual nacional em apenas três anos de existência, com 41,4% de share, contra 38,4% da RTP e 13,8% da TVI e conseguiu manter a liderança por dez anos consecutivos. Lopes (1995 *apud* Santos, 2002: 90) afirma que este sucesso resultou porque a SIC oferecia uma grelha diversificada de programas, onde se misturavam não só programas de informação, reportagem e documentários, como também de entretenimento, numa “linha de programação popular”. Apesar desta programação variada, este era um conceito alicerçado numa estratégia de marketing, onde o principal objectivo era a conquista de audiências. Assim sendo, apoiada nesta estratégia, por volta de 1995, a SIC começou também por promover momentos especiais de informação, neste caso debates políticos entre António Guterres e Fernando Nogueira e entre Jorge Sampaio e Cavaco Silva. Foi assim que a SIC liderou a cobertura das eleições presidenciais daquela altura, sendo que estes debates acabaram por se revelar fundamentais na vitória dos dirigentes socialistas. Era sobretudo na SIC que se discutiam os temas políticos, estando a RTP afastada deste cenário, por ser uma televisão estatal (Santos, 2002: 91).

Para além disso, a SIC instituiu uma forma diversificada de trabalhar, que até à data não se verificava no único canal televisivo que existia, a RTP. Esta diversidade e novidade explicava-se, sobretudo, por um tipo de programação que, por um lado, servia as elites, durante muitos anos “habitadas” às notícias que veiculavam fontes oficiais e do aparelho do Estado; por outro, o evidente agrado ao segmento mais popular do público – a “televisão do povo” (Torres, *apud* Santos, 2002: 90). Esta relação privilegiada com os telespectadores portugueses deveu-se sobretudo aos valores que o canal diz defender: a

credibilidade, qualidade, inovação, modernidade, diversidade, dinamismo e proximidade⁴. Assim sendo, como refere Santos (2002: 91), em princípios da década de 90, dominava na sociedade portuguesa um grande optimismo e uma enorme crença na iniciativa privada, o que contribuiu para a crescente popularidade do canal. Consequentemente, as reportagens da estação de Carnaxide começaram a ser distinguidas pela sua qualidade a arrecadar diversos prémios, como por exemplo a reportagem *Os meninos de Angola*, de Cândida Pinto, que em 1996 obteve um prémio no FIGRA (“Festival International du Grand Reportage et du Document d’Actualité”). Um ano depois, surge a mobilidade do estúdio do noticiário. De acordo com Santos (2002: 91), “emprega-se o estúdio móvel em acontecimentos pré-determinados, de grande solenidade ou nível visual e ligados à proximidade. Foi assim que a SIC transmitiu noticiários directamente, por exemplo, das inaugurações da Expo 98, da ponte Vasco da Gama, da Feira do Livro...”. Posto isto, o trabalho em directo começou a constituir uma imagem de marca do canal.

Relativamente à programação, inicialmente, a SIC tornou-se popular devido às séries e telenovelas brasileiras; posteriormente, às telenovelas portuguesas e aos *talk-shows* e *reality-shows*, que começaram a ganhar cada vez mais terreno e que ainda hoje são populares na televisão portuguesa. Estes foram programas que contribuíram para a popularidade do canal e para o seu sucesso no panorama audiovisual nacional. No entanto, o sucesso das telenovelas brasileiras não foi pioneiro na SIC, a RTP já fazia recurso a este tipo de conteúdos, como por exemplo a telenovela *Gabriela*, do original de Jorge Amado, que já tinha sido um sucesso ao nível de audiências (Santos, 2002: 93). Ainda assim, devido ao contrato estabelecido com a estação brasileira Globo, que já tinha conhecimento do formato, a SIC começou a apostar nas telenovelas brasileiras, o que fez com que, em 1995, o programa mais visto em Portugal fosse justamente uma dessas telenovelas – *A Próxima Vítima*. No que diz respeito aos programas de entretenimento, o impacto e o êxito alcançado foi devido a programas como o *Ponto de Encontro*, *Chuva de Estrelas*, *Os Donos da Bola* ou *O Juiz Decide*. Para além desses programas, que continuam a ser lembrados nos dias de hoje, sobressaíram no canal de Carnaxide várias figuras, como é o caso de Miguel Sousa Tavares, que era pivô do *Jornal da Noite* de domingo, e Margarida Marante, que se destacava nas suas entrevistas - personalidades que nunca foram esquecidas pelo público português. Tal como na informação, também a produção nacional

⁴ Consultado em: <http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/valores/>, 27-Nov-12

destacou caras conhecidas, como é o caso de Bárbara Guimarães, Catarina Furtado, Júlia Pinheiro ou Fátima Lopes, que se destacaram nos primeiros programas de entretenimento do canal. Para além dos programas de informação e de entretenimento, a SIC empreendeu também uma forte aposta no cinema. Como refere Santos (2002: 99),

“...em 1999 participava [a SIC] em duas sociedades: a SIC Filmes e a Morena Films (espanhola). O objectivo da SIC Filmes, em associação com o ICAM, era produzir dez filmes por ano, no sentido de dinamizar a criação audiovisual em Portugal. Assim, em Janeiro de 2000, cerca de 2,4 milhões de telespectadores viram o filme *Amo-te Teresa*. Nesse ano, a empresa lançava dez filmes e criava uma estrutura de pesquisa e leitura e criação de argumentos e a figura de argumentista residente.”

O mesmo autor (Santos, 2002: 100) enuncia de forma resumida os quatro momentos que atravessam a história da SIC. Num primeiro momento, marcado entre 1992 e 1994, a SIC afirmou-se no mercado, através dos programas de informação e do recurso aos programas de entretenimento e às telenovelas brasileiras, para a qual a parceria com a estação Globo em muito contribuiu. No segundo momento, definido entre 1995 e 1998, a estação chegou à liderança, tendo em conta que, nessa altura, a RTP recuou e a TVI estagnou. Numa terceira fase, a partir de 1999, a SIC envolveu-se em novos projectos, como é o caso da televisão por cabo e a entrada na internet (com a criação da *SIC Online*). No entanto, em 2001, acabou por perder a liderança do mercado para a TVI, que, devido à aposta nos *reality shows* e na ficção nacional, conquista as audiências em horário nobre. Num último momento, no ano de 2002, a SIC entra no período de retoma em que reafirma os seus valores (ibid).

A história da SIC continua a escrever-se, mesmo 21 anos depois da sua criação. Apesar das disputas entre a iniciativa pública e a privada, a SIC continua a ser uma televisão de referência no país. O canal de Carnaxide foi capaz de se moldar às novas tecnologias e conta actualmente com cinco canais temáticos por cabo e um projecto de solidariedade social inerente a todo o universo SIC, o que tem contribuído para alcançar o grande público, de diferentes faixas etárias, classes ou géneros.

2.1 Cronologia

Desde o nascimento do canal, há 21 anos atrás, vários foram os acontecimentos significativos e marcantes para a história da SIC e consequentemente para a sua

importância no meio audiovisual português. Na lista cronológica⁵ que se segue, estão apresentados os momentos mais marcantes do canal de Carnaxide.

- 1992 – Início das emissões da SIC, a 6 de Outubro;
- 1995 – Pela primeira vez, a SIC ultrapassa as audiências da RTP;
- 1997 – A 15 de Setembro, começam as emissões da *SIC Internacional*);
- 2000 - Início das transmissões da *SIC Gold*;
- 2001 - Nascem os primeiros canais temáticos: *SIC Notícias* e *SIC Radical*. A SIC assume a sua presença na Internet, com a criação da *SIC Online*;
- 2003 – No Dia Internacional da Mulher, 8 de Março, é criada a *SIC Mulher*;
- 2003 – A 6 de Outubro de 2003, 11 anos após inauguração da SIC, nasceu o projecto *SIC Esperança*, um projecto de solidariedade social;
- 2004 – Para substituir a *SIC Gold*, surge a *SIC Comédia*, que acaba por também findar as suas emissões em 2006;
- 2007 – Implementação da *Bloom Graphics* na SIC, com o objectivo de otimizar a resposta à produção de todo o grafismo necessário dentro da estação;
- 2007 - Em conjunto com a Teresa Guilherme Produções, a SIC constituiu a produtora TDN, S.A. – Terra do Nunca Produções;
- 2009 – Surge a *SIC K*, o primeiro canal criado a pensar nos mais novos;
- 2010 – É estabelecida uma parceria com a Rede Globo, para a coprodução de novelas em português. Este é um marco importante para a vida da estação e para a ficção nacional;
- 2011 - O 19º aniversário da SIC foi assinalado com a inauguração dos novos estúdios e instalações da Impresa Norte, em Matosinhos;
- 2011 - *Laços de Sangue*, a primeira produção da parceria estabelecida entre a SIC e a Rede Globo, vence um prémio internacional para melhor telenovela de 2011, no *39th International Emmy Awards*.

2.2 Universo SIC

Em 2000, a SIC entrou no universo dos canais de cabo, com diversos canais temáticos. Com um auditório cada vez mais alargado e diverso, o objectivo da estação televisiva era chegar a todos os tipos de público. Por ser uma televisão generalista, a programação foi criada permitindo ir ao encontro das necessidades e procura dos

⁵ Consultado em: <http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/historia/>, 28-Nov-12

telespectadores. O Universo SIC⁶ é, portanto, alargado, com a presença de cinco canais temáticos (por cabo) e um canal satélite.

2.2.1 SIC Notícias



Figura 1 - Logo SIC Notícias

A *SIC Notícias* é o canal da SIC dedicado exclusivamente à informação. Nascido em 2001, este canal é composto por três grandes blocos de informação diários, que pretendem responder ao público que procura estar sempre informado. Este

canal oferece também edições especiais e programas temáticos, sobre diversos temas, como a economia, cultura ou desporto. Este é um canal que se destaca internacionalmente, por ser o único canal português de informação a liderar as audiências no cabo.

2.2.2 SIC Radical



Figura 2 - Logo SIC Radical

Um canal um pouco mais alternativo é a *SIC Radical*, criado também em 2001. Neste canal, podem ver-se séries, programas de humor nacionais e internacionais, desenhos animados de referência ou programas de crítica social. A *SIC Radical* é um canal

temático que mostra as mais variadas perspectivas sobre os mais variados temas, apostando na irreverência e diversão. Esta é uma programação dirigida essencialmente a um público-alvo compreendido entre os 15 e os 34 anos. Foi a partir deste canal que saíram talentos como Rui Unas, Gato Fedorento ou Homens da Luta.

2.2.3 SIC Mulher



Figura 3 - Logo SIC Mulher

Destinado a um público maioritariamente feminino, surge em 2003 um outro canal temático: a *SIC Mulher*. Neste canal são apresentados diversos

programas de entretenimento, como *talk-shows*, *reality-shows*, magazines, entre outros. Com espectadoras entre os 15 e os 54 anos, a *SIC Mulher* atrai cada vez mais audiências, afirmando-se também por ser o primeiro e único canal português dedicado à mulher. É um canal que emite 24 horas por dia “para e sobre mulheres”.

⁶ Consultado em: <http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/universo/>, 28-Nov-12

2.2.4 SIC Kids



Figura 4 - Logo SIC Kids

A pensar nos mais novos, é criada em 2009 a *SIC Kids*, para crianças e jovens entre os 7 e os 14 anos. Na sua génese, é um canal de entretenimento, com uma grelha variada com desenhos animados, magazines nacionais e internacionais, ficção nacional e séries. Este canal tem como princípios o divertimento e a inteligência e procura, principalmente, desenvolver o espírito crítico dos mais novos.

2.2.5 SIC Internacional



Figura 5 - Logo SIC Internacional

A *SIC Internacional* surge como um canal dedicado aos portugueses espalhados pelo mundo e aos PALOP (Países de Língua Oficial Portuguesa). Um pouco por todo o mundo, é possível ver os programas que passam na SIC generalista. Informação, desporto ou entretenimento, neste canal pode-se encontrar uma programação diversificada. Com uma emissão de 24 horas por dia, este canal leva a actualidade portuguesa um pouco por todo o mundo.

2.2.6 SIC Esperança



Figura 6 - Logo SIC Esperança

Em 2003 nasce a *SIC Esperança*, um projeto de solidariedade social, transversal a todo o Universo SIC. Através deste canal, são feitas campanhas de angariação de fundos para as mais diversas instituições de solidariedade. Actualmente, a *SIC Esperança* “afirma-se como um importante motor de implementação de responsabilidade social que, através do seu papel interventivo, estimula e credibiliza a solidariedade no nosso País”.⁷

⁷ Consultado em: <http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/universo/sicesperanca.htm>, 29-Nov-12

2.2.7 SIC Online⁸



Figura 7- Layout SIC Online

A *SIC Online* surge em 2001, como meio da SIC assumir a sua presença na Internet e de oferecer um complemento à sua oferta televisiva. O *site* da estação tem uma componente de entretenimento, aliada a uma componente publicitária, sendo que a *SIC Online* está inserida no portal SAPO, o portal mais visitado de Portugal. Nele podemos consultar a programação diária, assistir a vídeos e podemos também encontrar informações mais detalhadas sobre todos os programas da SIC. Através da *SIC Online*, temos ainda acesso ao site da SIC Notícias, onde poderemos encontrar toda a actualidade informativa.

2.3 Redacção de informação

A redacção de informação da SIC, local onde realizei o meu estágio curricular, é uma redacção única, que abastece todas as plataformas de informação: jornais da SIC generalista (*Primeiro Jornal* e *Jornal da Noite*), *SIC Notícias* e *SIC Online*, e é constituída por seis editorias: desporto, cultura, sociedade, política, economia e internacional. A organização da redacção tem um corpo uniforme de jornalistas, onde é conjugada a especialização de cada profissional, com as necessidades do trabalho editorial. No entanto, apesar de cada jornalista ter uma área preferencial de actuação, o repórter da SIC tem de estar preparado a trabalhar em qualquer área, elaborando notícias sobre qualquer temática. Isto porque qualquer órgão de comunicação social lida diariamente com o imprevisto e é necessário que toda a redacção saiba responder de forma rápida e eficaz, porque é imperativo ser o primeiro a dar a notícia. No entanto, muitas vezes, a procura extrema por

⁸ Consultado em <http://sic.sapo.pt/>, 4-Dez-12

ser o primeiro a informar, acaba por pôr de lado a criatividade jornalística e a necessidade de se distinguir dos demais. Como refere Bourdieu (2005: 13),

“Para ser o primeiro a ver e a fazer alguma coisa, o jornalista está mais ou menos disposto a tudo e, como os jornalistas se copiam mutuamente, cada um deles para ultrapassar os outros, para fazer primeiro que os outros, ou para fazer de modo diferente dos outros, acabam por fazer todos a mesma coisa, enquanto a procura da exclusividade, que, noutros lugares, noutros campos, produz a originalidade, a singularidade, culmina aqui na uniformização e na banalização”.

Os jornalistas da SIC são coordenados por editores, que têm como função atribuir as notícias que serão tratadas por cada um. Para além disso, cada jornal da SIC e cada edição da *SIC Notícias*, têm coordenadores, que asseguram toda a organização do programa, bem como o alinhamento do mesmo, tendo em conta critérios de importância, actualidade e proximidade. De acordo com Bourdieu (2005: 18), os directores de informação acham estes critérios evidentes:

“Lembro-me de ter tido uma conversa com um director de programas; era uma pessoa que vivia na evidência total. Eu perguntava-lha: ‘Porque é que põe isto em primeiro lugar e aquilo a seguir?’ E ele respondia ‘É evidente!’. E era sem dúvida esta a razão de ocupar o lugar que ocupava; quer dizer, porque as suas categorias de percepção se ajustavam às exigências objectivas.”

A meu ver, apesar desta percepção mais ou menos evidente por parte dos directores, tanto eles como os próprios coordenadores da redacção da SIC não têm uma percepção igual à dos jornalistas da SIC. Apesar de eles próprios serem também jornalistas, as chefias “olham” para as notícias pensando exclusivamente nas audiências, criando uma espécie de hierarquia informativa: o que “dá mais” audiências vai primeiro para o ar, o que tem menos relevância fica para último e muitas vezes chega a nem ser noticiado. Apesar de este ser um factor de extrema importância, porque as audiências são o foco para qualquer canal televisivo, os jornalistas da SIC têm mais sensibilidade informativa e elaboram as notícias com o único objectivo de informar e fazê-lo da melhor maneira possível. Os jornalistas procuram a realidade informativa e têm como missão passar essa realidade ao público. De acordo com Garcia e Castro (1993: 95),

“a base desta ‘informação da realidade’ entre jornalista e audiência fundamenta-se efectivamente num acordo comunicativo e numa confiança negociadora socialmente definidos e resultantes do facto de que a construção das realidades publicamente relevantes é atribuída através de uma competência institucionalizada precisamente aos profissionais da comunicação, os quais devem, por assim dizer, construir esta realidade colectiva, devem operar atribuições de sentido aos acontecimentos, aos temas, aos processos de relevância pública [...]”

Para os jornalistas saberem quais as matérias possíveis de dar origem a notícias, os editores seleccionam diariamente, através de uma agenda (criada por uma equipa específica de agenda e planeamento), quais os acontecimentos que poderão dar origem a matéria noticiosa em qualquer uma das plataformas (SIC, *SIC Notícias* e SIC Online). Para que este equilíbrio entre as diferentes editoriais e as necessidades generalistas resulte, as reportagens a realizar são marcadas diariamente em reuniões de planeamento, onde participam todos os editores, coordenadores, directores de informação e o coordenador dos repórteres de imagem. Como menciona Wolf (1987, *apud* Traquina, 1999: 171),

“...para além e tentar impor ordem no espaço, as empresas jornalísticas tentam igualmente impor uma estrutura sobre o tempo, estrutura essa que lhes permite levar a cabo o seu trabalho diário. Primeiro, a empresa jornalística tenta planear o futuro através do seu serviço de agenda que elabora a lista de acontecimentos previstos, permitindo assim a organização do seu próprio trabalho com uma certa antecendência”.

Para além do núcleo de jornalistas, constam da estrutura organizacional da SIC os repórteres de imagem, os editores de imagem, os elementos da produção, o responsável pelo arquivo e ainda os técnicos de imagem. A redacção contempla ainda 10 salas de edição, dois estúdios, duas régies de vídeo⁹ e duas de áudio¹⁰. O meio de comunicação preferencialmente utilizado pelos trabalhadores da SIC é o ENPS (The Essential News Production System), uma plataforma interna da estação, onde tudo acontece. Ver alinhamentos dos jornais, escrever as notícias, enviar mensagens pessoais, são algumas das

⁹ As régies de vídeo são as salas de controlo onde se coordenam as diversas tarefas inerentes à criação de produtos audiovisuais em estúdio, ou seja, coordenam-se as gravações, quer do ponto de vista editorial quer do ponto de vista técnico – tais como entrada e saída de peças ou coordenação do teleponto.

¹⁰ Na régie de áudio, além de se controlar a qualidade do som do programa que está a ser realizado (níveis e equalizações), também se monitorizam as comunicações entre a equipa que produz e realiza o produto audiovisual.

tarefas possíveis de se fazer no ENPS. Além disso, existe uma intranet, à qual eles podem recorrer para ficar a par de todas as novidades, notícias e outras informações publicadas acerca da empresa.

2.4 A direcção e coordenação da equipa de informação

Uma direcção de informação é a base para as organizações disporem de um sistema de informação abrangente e integrado, capaz de proporcionar uma resposta alinhada com as exigências do ambiente competitivo actual. No caso da SIC, é a direcção de informação que procura meios eficazes para responder de forma eficiente à competitividade com que os meios de comunicação social se deparam actualmente. Assim sendo, a SIC conta com uma vasta equipa de direcção e coordenação da equipa de direcção. É constituída por cinco directores de informação, quatro coordenadores de equipa e seis editores: *Direcção de informação*: Alcides Vieira; *Sub-direcção de informação*: António José Teixeira, José Gomes Ferreira, Martim Cabral e Rodrigo Guedes de Carvalho; *Coordenadores de redacção*: André Antunes, Marta Reis, Maria João Ruela e Pedro Mourinho; *Editores*: Graça Costa Pereira (Cultura), Elizabete Marques (Desporto), José Gomes Ferreira (Economia), Cândida Pinto (Internacional), Paula Santos (Política) e Isabel Horta (Sociedade).

Capítulo II

Questões de género

3. O que é o género?

A questão de género está ligada à forma como a sociedade cria os diferentes papéis sociais e comportamentos relacionados com homens e às mulheres. De acordo com Silveirinha (2004: 7),

“a distinção entre ‘sexo’ (diferenças biológicas) e o género (a masculinidade e a feminilidade socialmente construídas) permitia uma maior consciência de que o género nem pode ser imediatamente derivado da diferença sexual, nem ser entendido como uma definição homogénea aplicável a todas as culturas.”

Sabemos *a priori* que, quando falamos em sexo, estamos a falar de características biológicas, físicas, que nos permitem diferenciar-mo-nos uns dos outros. Por outro lado, o género é uma construção social, e não existem diferenças universais e homogéneas que se apliquem a todas as culturas (Carter e Steiner, 2004: 3). A distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender e justificar a desigualdade social. Contudo, é imperativo mostrar que são as formas como estas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou que se pensa sobre elas, que vai constituir o que é feminino e masculino. Assim, para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres na sociedade, importa observar não exactamente os seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre essa noção. Apesar de o género não negar a biologia, a construção social e histórica produzida sobre essas características biológicas é enfatizada deliberadamente. Como refere Pinto-Coelho (2010: 2),

“há uma única realidade feminina, uma essência feminina universal, que distingue as mulheres dos homens. Mas podemos pensar de outro modo: entendendo o género não como algo que se é, mas antes como aquilo que fazemos, estabelecemos ou realizamos ‘no’ ou ‘com’ o discurso, ou noutro tipo de prática social (e.g. Butler, 1990). Desta concepção de género decorrem duas consequências: admitir a ideia de variação no interior da categoria ‘mulheres’, uma vez que aquilo que se faz depende do acesso a recursos socialmente válidos, e, como sabemos, esse acesso varia segundo linhas de classe, de idade, de etnia, etc.; e admitir também a variação no modo como se pensa que o género influencia a interacção social ou discursiva (e.g. Lazar, 2005; van Dijk, 2008). O facto de eu ser mulher não é sempre relevante, nem sempre da mesma maneira nas diversas situações do meu dia-a-dia.”

As relações de género criam padrões do que é próprio para o feminino e para o masculino, ou seja, são criadas “regras” que se reproduzem como sendo um comportamento natural do ser humano, criando condutas e modos de viver a sua própria natureza sexual. A questão de género tem uma ligação directa com a forma como os valores, desejos e comportamentos acerca da sexualidade estão organizados na sociedade. Assim sendo, o conceito afirma o carácter social do feminino e do masculino - tem-se então em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos - e dirige-se para uma construção e não para algo que exista *a priori*. Importa considerar que é relevante existir um pensamento de modo plural, acentuando que os projectos e as representações sobre homens e mulheres são diversos, tendo em conta questões de etnia, classe, entre outras.

3.1 Abordagem histórica ao Feminismo

Desde sempre, o papel do homem e da mulher foi posto em causa e as desigualdades entre géneros ainda se verificam. De acordo com Bern (1993, *apud* Nogueira, 2001: 10), “...desde Aristóteles até à actualidade, afirmava-se a distinção entre os sexos, a superioridade masculina e o seu posicionamento como grupo de referência e comparação”. Ou seja, desde a antiguidade que o papel do homem era superior ao da mulher, estando a figura feminina muito ligada à esfera privada e o homem à esfera pública. Como refere Rebelo (2004: 1), “durante séculos a mulher ocupou um lugar subalterno no seio da família e da sociedade, por imposição histórica, que remonta ao tipo de organização e ao modo de subsistência das sociedades primitivas”. Com a chegada das cruzadas, quando a Igreja alcança um maior poder centralizador, as mulheres iniciam um período de grande repressão da sua condição, o período inquisitorial. Este é um tempo onde se constata a repressão do seu corpo, principalmente a sexualidade, resultando numa profunda inferiorização feminina. A mulher fica condicionada a uma posição de subalternidade, facto que nunca foi completamente ultrapassado. Rebelo (2004: 1), ressalva ainda que esta diferença entre homens e mulheres no meio social levou a que surgissem “extrapolações bem conhecidas: o homem caracteriza-se pelo rigor do pensamento, pela capacidade de raciocínio, pela força muscular, o que lhe dá autoridade. À mulher resta-lhe a intuição, a paciência, a capacidade de dedicação aos outros”. Contudo, o sistema patriarcal do Governo começa a existir e, desde então, as mulheres foram subjugadas ao trabalho doméstico, “eram vistas [as mulheres] como prejudiciais às suas auto-percepções e como limitadoras dos seus papéis sociais, porque remetiam as mulheres

para a esfera privada, e as excluía da esfera pública” (Pinto-Coelho, 2010: 1). Com esta “dominação patriarcal”, o papel da mulher ficou ligado ao doméstico, ao facto de serem apenas donas de casa, mães e esposas. Acreditava-se que as mulheres tinham um intelecto inferior ao dos homens, que não eram tão capazes como eles, isto é, havia o domínio doméstico. Acreditava-se então que as mulheres deveriam ser donas de casa, cuidar dos filhos e ter um principal interesse pela maternidade, e os homens deveriam realizar todas as tarefas de prestígio pessoal e social.

Sob este ponto de vista, nasceu o feminismo, no século XVIII¹¹, que analisou esta desigualdade entre homens e mulheres existente no sistema patriarcal e tentou criar uma sociedade mais igualitária. Nogueira (2001: 4), diz que

“O Feminismo pode ser definido como um ‘movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos’ (Oliveira, 1969, p.424), uma estrutura básica de consciência (Lamas, 1995) ou ainda como refere Maria de Lourdes Pintassilgo, ‘(...)a denúncia e a luta contra as práticas sexistas(...) isto é, as atitudes, práticas, hábitos e em muitos casos, a própria legislação, que fazem das pessoas pertencentes a um sexo e só por esta razão- seres humanos inferiores nos seus direitos, na sua liberdade, no seu estatuto, na sua oportunidade real de intervenção na vida social’ (1981,p.12)”.

Assim sendo, na altura da Revolução Francesa (século XVIII), nasce a primeira fase do feminismo, que foi designada de “primeira vaga” e que se prolongou até ao final da Primeira Guerra Mundial. Nogueira (2001: 5) afirma que as principais reivindicações desta vaga foram o direito ao voto, onde se caracterizou o movimento sufragista, e o acesso ao estatuto de “sujeito jurídico”. As feministas procuravam o direito à educação pública, a extensão dos direitos políticos às mulheres e a protecção da maternidade para as mulheres trabalhadoras. No geral, o que as feministas procuravam era a “emancipação das mulheres de um estatuto civil dependente e subordinado” (Nogueira, 2001: 5). A autora ressalva ainda que a revolução industrial e as duas grandes guerras foram as principais causas (histórias, políticas e sociais), que desencadearam o feminismo. Nesta altura de guerras, as mulheres desempenhavam muitas das funções atribuídas até aí exclusivamente aos homens. Ainda assim, nesta altura, existia ainda desigualdade entre géneros, que se continuava a proliferar no seio da família, estando as mulheres continuamente sujeitas a

¹¹ Lúcia Amâncio, Dicionário de Filosofia Moral e Política. Consultado em <http://www.ifl.pt/private/admin/ficheiros/uploads/7ffec70b3601475f2559ae21979b1faa.pdf>, 7-Jun-2013

uma posição de subalternidade. Como refere Amâncio, “...a exclusão das mulheres da cidadania baseava-se apenas e só na sua condição de nascimento, assim como a ideologia sobre a diferença entre os sexos que foi necessário produzir para sustentar esta contradição e que recorria à natureza para legitimar a vontade dos homens”.

Factores como a divisão entre pacifistas e apoiantes da Primeira Guerra Mundial e a extensão do direito ao voto das mulheres em vários países, ao longo das décadas de 20 e 30 do século XX, contribuíram para a desmobilização da primeira vaga do feminismo. No entanto, no século XX, dá-se uma Revolução Sexual. Amâncio diz que o aparecimento da segunda vaga do feminismo, nas décadas de 60 e 70, “resulta, por um lado, do progresso educativo das mulheres ao longo do século XX e, por outro lado, da enorme insatisfação causada pelo recuo da situação das mulheres, na sequência da desmobilização dos homens a seguir à II Guerra Mundial”. Estes, entre outros factores, davam conta da falta de autonomia da mulher na sociedade, enquanto indivíduo. A este propósito, surge uma obra de referência do feminismo, *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. Neste ensaio, a autora analisava a condição de alteridade da mulher, salientando os factores sociais, históricos e políticos que contribuíam para a construção da feminilidade, ao mesmo tempo que fazia a tal análise à liberdade e autonomia da mulher enquanto sujeito social. Esta seria uma das obras que daria lugar à criação de novas linhas de reflexão e investigação nos meios académicos acerca do papel das mulheres na sociedade.

De acordo com Amâncio, a segunda vaga deste movimento é caracterizada pelo carácter restrito das associações feministas da primeira vaga, “facilitada sobretudo pelo elevado nível de instrução das mulheres, [...] mas também pela mediatização das acções colectivas dos grupos e organizações de mulheres que se inscrevem num período de grande contestação social e de tomada da palavra pela sociedade civil”. Assim sendo, uma meta importante deste movimento, foi o aparecimento de políticas para a igualdade, com a criação de organismos governamentais de defesa dos direitos das mulheres, em vários países. Outro marco importante da segunda vaga feminista foi o movimento estudantil do fim dos anos 60, bem como um conjunto de inovações tecnológicas e científicas, como é o caso da invenção da pílula contraceptiva, que proporcionou às mulheres um sentimento de controlo e liberdade único (Nogueira, 2001: 6). Segal (1995), citado por Nogueira (2001: 6), ressalva ainda que o “‘estridente’ ressurgir do feminismo como movimento de libertação das mulheres do Ocidente, no fim dos anos 60 tomou a forma de uma crítica fundamental à família”. Isto porque a preocupação do movimento da segunda vaga era a

ideia das mulheres como seres dependentes, subvalorizados, isolados e que só tinham como objectivo o bem-estar familiar. Esta ideologia, de “glorificação hipócrita da maternidade”, continuava a representar desigualdades de poder no seio familiar, entre os membros de um casal, ou seja, entre homens e mulheres. Assim sendo, as críticas à família começaram a aumentar de forma gradual. Muitas eram as pessoas que questionavam o valor do casamento como instituição, as questões parentais, a própria questão do amor como “formalização pela lei”. Ora, esta foi uma vaga feminista caracterizada como se de uma força política se tratasse. De acordo com Ergas (1991, *apud* Nogueira, 2001: 6), “a emergência do feminismo como força política parece ter anunciado – e talvez realizado –, significativas redefinições dos alinhamentos políticos e dos acordos institucionais tradicionais”. Contudo, em meados da década de 80, este movimento começou a ficar banalizado e a perder terreno face às populações mais jovens, que mostravam indiferença às lutas travadas no passado pelo feminismo. Este foi um dos muitos motivos para a terceira vaga do feminismo ser designada de pós-feminismo.

O feminismo pós-moderno dos anos 90 é um período marcado pela consolidação da teoria feminista e de novas perspectivas à análise do conceito de género. Amâncio afirma que,

“inicialmente mobilizado para a compreensão dos limites impostos às mulheres pelas normas de feminilidade e de organização do trabalho e da família, este conceito estende-se, posteriormente, à compreensão dos limites impostos aos homens pelas normas de masculinidade (Connell, 1995). Por outro lado, a contribuição do feminismo para o questionamento do modelo positivista da ciência moderna, através das epistemologias feministas (Harding, 1991) e a procura de um projecto de conhecimento emancipatório, colocaram a teoria feminista no centro do debate pós-modernista.”

Resumidamente, as mulheres tinham como objectivo lutar e reivindicar as desigualdades legais, políticas, sociais e económicas que se sentiam em relação aos homens. De acordo com Nogueira (2001: 7), esse objectivo foi conseguido, visto que “todas as mulheres na Europa ocidental são agora formalmente iguais perante a lei, um direito que não existia em muitos países antes da segunda vaga dos movimentos terem começado”.

Em Portugal, foi a partir de 1974, que se assistiu a uma mudança profunda. Foi a partir da Revolução dos Cravos de 25 de Abril que a democracia deu às mulheres

oportunidades até então tradicionalmente masculinas. Foi nesta altura que, com a implantação da democracia, se conquistou a liberdade de pensamento e de expressão, a liberdade de imprensa e também foram reconhecidos direitos e deveres iguais para homens e mulheres. Desde então, deram-se transformações ao nível da democratização do acesso ao ensino, ao voto, ao aparecimento de oportunidades de educação e de carreiras profissionais. Como refere Marques da Silva (2010: 293),

“... no período de consolidação da democracia, em que é reconhecida constitucionalmente a igualdade entre homens e mulheres, vive-se um processo de feminização, quer do mercado de trabalho, quer do ensino, inclusive do ensino superior. Hoje, as mulheres estão claramente em maior número neste grau de ensino.”

Este incremento da escolaridade das mulheres não se reflecte, no entanto, em termos profissionais. Neste universo, insere-se a percepção feminina na forma de governar e gerir o trabalho e percebe-se que aos poucos há mudanças na estrutura das empresas, nas condições de trabalho e, no fundo, na sua própria condição social de ser mulher. Foi devido à conquista desta liberdade em vida democrática que o estatuto da mulher portuguesa na sociedade foi melhorando, mas percebe-se que não chega a consagração na lei, para que se verifique na prática os princípios e se evitem situações de discriminação. Neste caso, a base deste relatório de estágio é analisar a situação das mulheres nas estruturas hierárquicas das empresas, especificamente no jornalismo televisivo e percebe-se que, quase 40 anos após a conquista da democracia, se continuam a verificar desigualdades entre homens e mulheres no seio das organizações e nos topos das hierarquias das empresas, continuando os lugares de chefia a ser de difícil acesso ao género feminino.

3.2 As mulheres nas organizações e nos processos de tomadas de decisão

Desde o início da industrialização que a mulher, apesar de estar presente nas organizações, tinha cargos inferiores aos homens e, consequentemente, pior remuneradas. Raramente ocupavam posições de poder e as suas actividades eram as menos qualificadas e de menor prestígio profissional e social. Como refere Marques da Silva (2010: 294), “se, por um lado, se pode afirmar que a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres – histórica e estrutural – assenta no facto de nunca se terem estendido os ideais das luzes a toda a humanidade, deve igualmente acentuar-se que ela resulta dos efeitos de uma nova organização do mercado”. Desde sempre, as mulheres estavam muito ligadas à

esfera privada, ao “trabalho doméstico”, e os homens conotados à esfera pública, ao “trabalho profissional”. No entanto, de acordo com Subtil (2000: 4), “nos últimos 20 anos, assistiu-se a uma quase duplicação da taxa de profissionalização das mulheres”, referindo ainda que a crescente presença das mulheres na comunicação social, faz parte deste processo, devido ao aumento “crescente e generalizado dos níveis de escolaridade dos jovens portugueses”. Nesta linha de investigação, insere-se o problema da desigualdade de género no acesso às organizações mediáticas, bem como a certos cargos dentro delas, em especial, os cargos de chefia. Alguns estudos nacionais¹² indicam que houve, de facto, um aumento significativo do número das mulheres nas redacções, quando comparados com os dados de 1995 (Subtil, 2000), o que pode ser explicado pelo aumento do número de mulheres nas universidades, principalmente nos cursos de comunicação social. Os estudos revelam também que houve um crescente rejuvenescimento e profissionalização da actividade jornalística. Este rejuvenescimento traduziu-se num

“enviesamento de género na estruturação sexual das redacções: os que têm mais de 35 anos são sobretudo homens, enquanto que os que se situam entre os 20 e os 35 são predominantemente mulheres. Isto quer dizer que as jornalistas jovens são o grupo mais afectado pela precariedade existente neste tipo de trabalho, e por isso aquelas que poderão ser mais prejudicadas pela desigualdade ainda presente nas hierarquias das redacções” (Pinto-Coelho, 2010, p: 5).

Apesar de algumas mudanças ao longo dos anos, esse facto ainda se verifica em Portugal: estamos longe de ter um equilíbrio no poder. De facto, muitas são as mulheres na profissão do jornalismo, devido à crescente escolarização feminina e ao facto de existirem cada vez mais mulheres qualificadas, como referi anteriormente. No entanto, tal ingresso não se verifica nas estruturas hierárquicas de uma redacção. Isto porque “apesar das mulheres ocuparem vários cargos de chefia, na verdade continua-se a preferir a voz masculina para representar na área pública a direcção editorial das organizações jornalísticas” (Pinto-Coelho, 2010: 5). Ou seja, apesar deste crescente ingresso no ensino superior, tal não se traduz numa melhor inserção no mundo profissional, isto é, as mulheres continuam a desempenhar trabalhos sociais, artísticos e culturais, e são desvalorizadas nos lugares de prestígio e de “poder social” (Subtil, 2001: 3). Também Marques da Silva

¹² Estudo de José Rebelo (2008), que mediu o perfil sociológico dos jornalistas, entre 2005 e 2008; e estudo de Pinto-Coelho e Mota Ribeiro (2009), sobre os principais diários portugueses, citados por Pinto-Coelho (2010).

(2010: 297) refere que “a presença mais forte das mulheres, nomeadamente, na máquina de trabalho pago, não tem tido efeitos significativos no seu empoderamento para uma maior participação em territórios de decisão, reforçando-se práticas que contribuem para que as mulheres continuem numa posição secundarizada face aos homens.”

Os processos de tomada de decisão são uma oportunidade para os agentes exibirem os seus atributos pessoais valorizados culturalmente no contexto organizacional. No entanto, como é notório em vários ambientes de empresas, há diferenças significativas entre o estilo feminino e masculino no processo da tomada de decisão: “a assimetria presente nos universos simbólicos que o masculino e o feminino constituem reflecte-se em todos os processos que integram a produção da realidade social de ambos os sexos no mundo do trabalho” (Subtil, 2000: 11). Normalmente, os homens encaram uma situação decisória como um desafio intelectual, decidem com agilidade, porque entendem tais acções como uma representação de capacidade e de independência e porque é assim que o homem é visto na sociedade: com independência. Por outro lado, as mulheres tendem a perceber os processos de tomada de decisão como uma oportunidade para construir relacionamentos e até obter consenso. Como refere Subtil (2001: 11),

“(…) quando colocadas [as mulheres] perante situações de desempenho de autoridade parece poder constatar-se a sua notória preocupação no que se refere aos comportamentos que possam representar o modo de ser feminino, procurando evitar a associação de tais comportamentos às mulheres numa estratégia que procura universalizar o feminino ao mundo do trabalho e, em simultâneo, evitar que constitua uma marca de diferença para as mulheres”.

Contudo, tais perfis poderão ser estereotipados, visto que até na sociedade contemporânea existem estereótipos entre homens e mulheres. De acordo com os estereótipos, as características masculinas na tomada de decisão seriam a pressa e o facto de se basearem em informações insuficientes, sem consultar terceiros ou analisar com cuidado as possíveis alternativas, ao passo que os traços femininos seriam a demora em decidir, a indecisão e um certo exagero dos custos envolvidos. Como refere Amâncio (1994), citada por Filipa Subtil (2000: 12),

“se, por um lado, (...) o desvio das normas comportamentais definidas pelo estereótipo feminino é particularmente negativo para a mulher, traduzindo-se simultaneamente numa perda de estatuto e na assimilação dos traços negativos da dominância masculina, por outro, só a assimilação dos traços

masculinos detentores de forte legitimação social, permite o desempenho de um comportamento de autonomia profissional.”

O género feminino está constantemente conotado com especificidades próprias do seu modo de ser social, de tal modo que o seu comportamento está constantemente afecto às exigências da sociedade. Quando o comportamento feminino não responde às “exigências do contexto onde estão inseridas e às expectativas que os outros associam à sua categoria de pertença” (Subtil, 2000: 11), são introduzidos conflitos profundos no “modo de ser mulher”. Assim sendo, como refere Subtil (2000: 11), no mundo laboral, quando as mulheres são colocadas em situações de desempenho de autoridade, nota-se uma constante preocupação no que diz respeito aos comportamentos que possam representar o modo de ser feminino. As mulheres procuram marcar a diferença em contextos laborais, “numa estratégia que procura universalizar o feminino ao mundo do trabalho” (ibid).

Contudo, a desigualdade entre os sexos na actividade profissional e nas hierarquias, permanece uma constante. A mulher continua muito ligada ao universo conjugal ou pós-conjugal, o que acaba por ter influência na sua inserção na vida profissional. Actualmente, apesar da mulher estar em maior número nos cursos de comunicação social e, consequentemente, nas redacções, os cargos de topo ainda são ocupados, maioritariamente, por homens. Assim sendo, até que ponto a questão de género pode influenciar as tomadas de decisão? Será que, de facto, esta questão está na mente dos directores das empresas? E até que ponto os próprios jornalistas sentem que existe discriminação no seio de uma redacção? Poderá o facto de se ser mulher condicionar as suas ambições e projectos de vida? Arriscaremos afirmar que, em pleno século XXI, continuam a associar a mulher à imagem e ao homem ao poder ou à competência? Poderemos estar a entrar num “jornalismo no feminino? Como está a ser a entrada das mulheres em profissões tradicionalmente masculinas e como está a ser o acesso aos topos das hierarquias das empresas? Poderemos estar a assistir a transformações?

Capítulo III

O Estágio na SIC

Foram seis meses de experiências, de vivências, de aprendizagens. Apresentarei neste ponto todo o percurso de estágio vivenciado, realçando as equipas que integrei, os trabalhos que realizei e tudo o que aprendi, que fez com que esta fosse uma experiência única e inesquecível no meu percurso académico.

4. O contacto com o telespectador

Os programas de contacto directo com os telespectadores são fundamentais para as audiências. Não só por serem aqueles com um auditório mais alargado, como também por serem de extrema importância para a obtenção de uma opinião pública coerente. Como refere Tuchman (1978: 139), “...os meios de comunicação de massas reflectem os valores sociais dominantes. No caso da televisão, o carácter empresarial da variedade comercial faz com que agradem a audiências mais alargadas.”

4.1 Opinião Pública, SIC Notícias

Tudo começou no programa “Opinião Pública”, da *SIC Notícias*, dia 10 de Dezembro e onde permaneci durante dois meses e meio, ou seja, até dia 22 de Fevereiro. Trabalhei com os dois produtores do programa, a Liliana Gomes e o Alberto Jorge, que me ajudaram não só nas minhas tarefas dentro do programa, como também no meu processo de integração no grupo. No OP¹³, adquiri competências fundamentais para os restantes meses do estágio.

Durante cerca de uma hora, o programa abre antena à voz do público sobre os temas que marcam a actualidade. Basicamente, este é um programa que tem uma boa aceitação por parte do público, que no fundo se “vê” nas audiências do programa. O público pode participar através de telefone, *e-mail* ou inserindo comentários no site do programa: “A sua opinião conta! A SIC Notícias abre a antena durante cerca de uma hora à sua voz e ao seu comentário, sobre os temas que marcam a actualidade. Mas o debate começa já e prolonga-se aqui mesmo no *site* do Opinião Pública”¹⁴. O programa tem duas emissões diárias, às 11 e 17 horas e as minhas principais tarefas passavam por ajudar na sua produção. Enquanto o programa decorria eu tinha a responsabilidade de atender os telefones dos telespectadores que ligavam para participar e fazia uma selecção para

¹³ “OP” é a abreviatura de *Opinião Pública*. Na SIC, alguns programas são chamados pelas suas iniciais.

¹⁴ Consultado em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/opiniaopublica/>, 13-Fev-13

posteriormente pôr as pessoas em linha. Essa selecção era feita com base no tema em questão e nas habilitações profissionais de cada pessoa, o que por vezes era difícil porque a maior parte dos participantes eram desempregados ou reformados e eram sempre as mesmas pessoas a telefonar, o que acaba por tornar as participações extremamente repetitivas. Cada vez que atendia uma chamada, tinha de registar o nome, idade, profissão e localidade. Contudo, a principal dificuldade residia no facto de que, muitas vezes, as pessoas que ligavam tinham como principal objectivo insultar os pivôs ou os convidados ou até dizer palavras menos correctas em directo. Por forma a evitar esse tipo de situações, tínhamos uma chamada “lista negra”, afixada perto dos telefones, com os nomes daquelas pessoas que nunca poderíamos pôr em linha. Para além desta tarefa, também realizava, para cada programa, dossiês com notícias da actualidade sobre o tema em questão a abordar no programa. Este era um trabalho basicamente de pesquisa, mas com um lado bastante enriquecedor culturalmente, porque permitia-me estar sempre actualizada sobre as mais diversas temáticas. Para além disso, fazia um guião de entrevistas para o convidado do programa, que serviria de guia para o pivô. Finalmente, também fazia um bloco de imagens sobre o tema, que passavam no programa enquanto as pessoas participavam via telefone. Tudo isto era executado com recurso ao *Sonaps*¹⁵, que é o sistema de produção de notícias utilizado na SIC Lisboa e na SIC Porto.

Este é um programa que segue a actualidade e é caracterizado por ser uma espécie de fórum, onde o próprio telespectador pode participar e dar a sua opinião relativamente à temática em questão. Cada programa tem um tema específico e um convidado especialista que irá debater, em conjunto com o pivô e os espectadores, o assunto em questão. De acordo com Grossi (1985), citado por Garcia e Castro (1993: 95),

“A base desta ‘informação da realidade’ entre jornalista e audiência fundamenta-se efectivamente num acordo comunicativo e numa confiança negociadora socialmente definidos e resultantes do facto de que a construção das realidades publicamente relevantes é atribuída através de uma competência institucionalizada precisamente aos profissionais da comunicação, os quais devem, por assim dizer, construir esta realidade colectiva, devem operar atribuições de sentido aos acontecimentos, aos

¹⁵ Este sistema permite um único nível de gestão para todas as actividades dos utilizadores, permitindo que os fluxos de trabalho se tornem lógicos e tudo esteja interligado de uma forma simples. Os processos de pesquisa, edição, arquivo e organização são geridos de um modo coerente. O *Sonaps* integra um editor de vídeo, o XPRI NS, um editor potente e de fácil utilização, que permite também a integração de grafismos. Toda a produção é, integralmente, em HD. O *Sonaps* funciona ainda como uma arquitectura aberta com suporte para o sistema de arquivo actualmente instalado na SIC.

temas, aos processos de relevância pública sobre a base dos vínculos cognitivos que regulam os próprios modelos de inter-relação e de interacção na vida quotidiana.”

Assim, o OP possibilita que se crie esta “realidade colectiva”, valorizando o papel das audiências nesta construção, permitindo que se desenvolva o conceito de opinião pública verdadeiramente dito. Os profissionais da comunicação actuam com outros “opinion makers”, como é o caso dos políticos ou outros intelectuais (o que acontece precisamente no OP), mas surgem na sociedade de grande complexidade estrutural democrática, “como os profissionais a quem cabe definir as formas predominantes da atenção pública e da simplificação/discriminação temática configuradora do ‘meio’ opinião pública” (Garcia e Castro, 1993: 95). Posto isto, os jornalistas aparecem como participantes na produção desta opinião pública, sendo responsáveis, como refere Garcia e Castro (1993: 96), “por um lado, pela selecção de alternativas temáticas, mas, por outro, abrindo a possibilidade de exclusão de alternativas de acção por parte do poder político”.

Contudo, na minha perspectiva, esta opinião pública que se constrói ainda é discriminatória para o sexo feminino. Ao longo do tempo que passei pelo OP, tive oportunidade de perceber que a maior parte dos convidados eram do sexo masculino, o que poderia indiciar algum tipo de discriminação em relação ao sexo oposto, isto porque os telespectadores se identificam muito com o convidado em questão. Em cada programa, no geral, eram sempre homens em estúdio, fossem temas políticos, económicos, culturais, sociais, etc. No entanto, de acordo com a produtora do programa, Liliana Gomes¹⁶, “...não há nenhum tipo de critério em relação ao facto de serem homens ou mulheres. [...] Na nossa base de dados, efectivamente, são muito mais homens do que mulheres, mas apenas nos interessa ter pessoas que falem bem e que percebam do assunto, mas a questão do género não é tida em conta”. Porém, a opinião dos comentadores influencia sobremaneira o público, como refere o director de informação da SIC, Alcides Vieira, citado pelo Jornal Público¹⁷: “o comentário não é a verdade das coisas, é a opinião pessoal de alguém sobre os factos” e, nesse sentido, quantas mais opiniões os portugueses tiverem, ‘melhor podem decidir’”. Também António José Teixeira, citado pelo mesmo jornal, considera que os comentadores “fazem a diferença”. Por isso, seria de extrema importância que os

¹⁶ Anexo 1 – Entrevista Liliana Gomes, realizada a 8-Abr-2013

¹⁷ Notícia online do Jornal Público, consultado em <http://www.publico.pt/politica/noticia/o-imperio-dos-comentadores-onde-quem-manda-sao-os-politicos-1594179>, 15-Mai-13

comentadores televisivos fossem de ambos os sexos, para potenciar a participação activa do género feminino e criar um equilíbrio entre os sexos e as opiniões de cada um. Isto porque quando eram mulheres convidadas em estúdio, a participação do público acabava por ser também mais direccionada para o sexo feminino, ou seja, quando as convidadas eram mulheres, também mais mulheres ligavam para o programa. Se olharmos não só para o OP, como para todos os espaços noticiosos que fazem recurso a comentadores (como é o caso de *Miguel Sousa Tavares*, no *Jornal da Noite*), todos são homens e a maior parte também são jornalistas. Se a actualidade não se compadece com planeamento, ou seja, se o facto de a realidade jornalística viver do imprevisto e do imediato, o que permite que sejam os jornalistas a ter uma maior capacidade para responder eficazmente aos temas actuais. Contudo, se existem cada vez mais mulheres a frequentar o ensino superior e com competências académicas, porque é que a voz do sexo feminino continua a ser minoritária? Como refere Nogueira (2001: 15),

“Apenas uma mudança na divisão do trabalho, poderá conduzir a uma mudança substancial no conteúdo dos papéis de género, na tipificação das competências e crenças e, posteriormente, na extensão das diferenças sexuais. [...] A disparidade entre a mudança de atitude face a aspectos da igualdade de papéis e o conteúdos dos estereótipos de género, se explicam pela (ainda) reduzia participação de mulheres no mundo do trabalho.”

Se, por um lado, os convidados são sempre homens, por outro, os pivôs do programa são maioritariamente mulheres. E isto leva-nos a uma outra questão fundamental: até que ponto continuam a associar a mulher à imagem e ao homem mais ao poder ou à competência? Marta Atalaya, pivô da SIC Notícias e uma das pivôs do OP, diz que

“...já lá vai o tempo em que as pivôs não eram jornalistas mas apresentadoras. Muitas eram escolhidas nas agências de modelo. Obviamente que a imagem é importante, como em qualquer profissão, sobretudo esta com tanta visibilidade pública, mas esvai-se no primeiro segundo se a comunicação for eficaz. Quanto à beleza, até pode levar o profissional, seja ele homem ou mulher, a ter de provar muito mais, que merece estar naquele lugar não porque tem uma boa imagem, mas pela competência e pela

credibilidade que oferece. Acima de tudo é importante a serenidade, a segurança e a empatia que nos aproxima do público.”¹⁸

Quando falamos em jornalismo televisivo sabemos *a priori* que é algo que vive muito da imagem, mas penso que hoje em dia esse é um facto que está a ser ultrapassado e a ser posto em patamares iguais para ambos os sexos e pude verificar isso na SIC. Existem, de facto, muito mais mulheres pivôs do que homens. Contudo, no OP, por exemplo, os pivôs vão alternando entre si, de acordo com os jornalistas disponíveis para apresentar o programa. Apesar de, durante o tempo em que estive a estagiar, me ter deparado com quatro mulheres pivôs e apenas dois homens (Marta Atalaya, Rita Neves, Carla Carvalho, Teresa Dimas, Miguel Ribeiro e Rodrigo Pratas), não considero que esse seja um factor de discriminação. Esse é um facto que se deve a, precisamente, existirem mais mulheres jornalistas do que homens. De acordo com o director de informação da SIC Notícias, António José Teixeira,

“a imagem em televisão é importante, porque a televisão em boa parte é imagem. Mas as questões de imagem não se colocam só às mulheres. A questão da imagem não se coloca aos homens porquê? Os homens têm que ser desleixados, ter má aparência, cuidar-se mal? E isso até deve ser privilegiado? Não, seria absurdo. [...] Por isso, volto a dizer, a questão da imagem é muito relevante em televisão, mas coloca-se em relação aos dois sexos.”¹⁹

Acredito que a situação das mulheres em Portugal continua a ser de subalternidade face ao sexo masculino e que isso ainda se possa traduzir no mercado de trabalho, nomeadamente no jornalismo televisivo. Apesar do crescente ingresso das mulheres no ensino superior, os dados divulgados pelo INE²⁰ mostram que se assistiu a uma convergência entre 2001 e 2010 da taxa de emprego feminina que aumentou face à masculina. Contudo, em 2011, a taxa de emprego feminina é de 60,4%, contra 68,1% da taxa de emprego masculina.

Ainda que a taxa de emprego feminina seja inferior à dos homens, as mulheres continuam a estar em grande número no jornalismo e muito se deve, como referi

¹⁸ Anexo 2 – Entrevista Marta Atalaya, realizada a 9-Abr-2013

¹⁹ Anexo 8 – Entrevista António José Teixeira, realizada a 9-Mai-2013

²⁰ Consultado em http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/Indicadores_PT_2011.pdf, 3-Jul-13

anteriormente, ao crescente ingresso do sexo feminino nos cursos de Comunicação Social. Os dados do INE²¹ revelam que a proporção de mulheres com ensino superior completo (15,1%), excede em 1,7 o valor observado na população total (13,4%), verificando-se que aproximadamente um quinto das mulheres do grupo etário 25-64 anos (19,9%), em idade activa, tinha escolaridade completa ao nível do ensino superior. Por isso, como afirma Rita Neves, também pivô da SIC Notícias e do OP, não existe uma discriminação “óbvia” entre homens e mulheres, mas

“temos desde logo o problema de que cada vez há mais mulheres do que homens... Portanto, quando aparece um estagiário ou um novo jornalista, toma-se mais atenção aos homens do que às mulheres, porque já são muitas as mulheres. Apesar de eu achar que um homem, quando tem alguma competência é imediatamente mais reconhecido do que uma mulher. A mulher tem que provar o dobro que é competente e que está aqui por mérito e não porque tem uma cara “laroca” ou porque agradou a alguém! De resto, é um pequeno passo, porque depois de mostrares a tua competência, não há discriminação nenhuma.”²²

Durante o meu estágio deparei-me precisamente com isso: as mulheres têm de provar muito mais e isso também se verifica no que diz respeito aos estagiários. Temos de provar que não temos só uma boa aparência mas que também somos dotadas culturalmente e com competências profissionais. No meu caso, tenho noção de que fui alvo de simpatia para os produtores do OP, o que me possibilitou fazer coisas inéditas para os estagiários do programa. Todos os convidados eram recebidos por mim, mesmo que fossem personalidades mais influentes (como foi o caso de João Semedo, Nuno Melo ou António José Seguro). Para além disso, tive oportunidade de, no dia 20 de Fevereiro, a dois dias de terminar o meu percurso no programa, sair com a produtora Liliana Gomes para realizar um *vox pop*²³ sobre futebol. Apesar de não ser um trabalho de grande responsabilidade, tive oportunidade de sair logo no primeiro local de estágio, o que nunca acontecia. Por isso, tenho noção de que o facto de “ter agradado” aos produtores/coordenadores, me deu vantagem. Convém lembrar que, na minha perspectiva, agradei aos meus coordenadores pelo facto de mostrar competências e capacidades e nunca ter desiludido nas tarefas que me eram propostas. Nos guiões de entrevistas que tinha que fazer, nos convidados que

²¹ in *Estatísticas no Feminino – Ser Mulher em Portugal 2001-2011*, consultado em <http://www.ine.pt>, 3-Jul-13

²² Anexo 3 - Entrevista Rita Neves, realizada a 9-Abr-13

²³ Recolha de opiniões soltas de cidadãos anónimos sobre assuntos determinados.

tinha de receber e acompanhar, ou noutro tipo de tarefas, sempre fui capaz de responder positivamente ao desafio e penso que, por isso, tenha ganho a confiança deles. Por isso, considero que, sob esta perspectiva, a questão de género não foi importante, porque o que foi valorizado foi a única e exclusivamente a minha competência.

Apesar de homens e mulheres serem formalmente iguais perante a lei, um direito que não existia antes do 25 de Abril de 1974 e da implantação da democracia, o que continua a existir “é a distância entre a igualdade legal formal política e a prática de todos os dias” (Nogueira, 2001:7).

4.2 O trabalho realizado nos serviços noticiosos

O objectivo de qualquer órgão de comunicação social é fornecer relatos dos acontecimentos de uma forma significativa e interessante. Posto isto, a segunda fase do meu estágio foi aquela que considerei ser mais estimulante e também de maior responsabilidade. Contudo, como refere Traquina (1999: 12), “o jornalismo constitui uma actividade profissional e grande dificuldade e de grande complexidade, e, por isso, um alvo fácil de criticar”.

4.2.1 Primeiro-Jornal

Dois meses e meio após ter iniciado o estágio na SIC, fui para o *Primeiro Jornal*, onde permaneci até ao final (dia 7 de Junho de 2013). Durante os primeiros dez dias não tive oportunidade de desenvolver muito trabalho. Esta foi uma fase em que necessitei de dar provas ao coordenador do PJ²⁴ (e também meu coordenador), André Antunes, de que podia confiar em mim e de que eu tinha capacidade para realizar reportagens sozinha. Assim, para perceber melhor a realidade jornalística, acompanhei os jornalistas em todo o processo de realização de reportagens, desde a saída para a rua até à edição de vídeo e respectiva sonorização. Apesar de não ser eu a realizar o trabalho propriamente dito, foi uma experiência enriquecedora para mim, que me permitiu adquirir competências fundamentais para o trabalho que viria a realizar posteriormente.

Para além de sair com diferentes jornalistas, para diferentes contextos (economia, política, sociedade e cultura), também saí com diversos repórteres de imagem. Tanto os

²⁴ PJ é a abreviatura de *Primeiro Jornal*. Como referi anteriormente, na SIC alguns programas são chamados pelas suas iniciais.

jornalistas como os RI²⁵ foram um pilar essencial durante todo o meu percurso. Para além de excelentes profissionais, todos revelaram um grande companheirismo para comigo e nunca deixaram de me ajudar em qualquer tipo de circunstância. Posto isto, os primeiros dez dias no PJ foram, essencialmente, de aprendizagem, solidificação de competências, observação e também, como não poderia deixar de ser, de criação de laços de amizade. Na tabela 1, estão detalhados os serviços que realizei nesta primeira fase.

Tabela 1 - Saídas com jornalistas

Data	Jornalista	RI	Serviço	Local
25-Fev-13	Elsa Gonçalves	Jorge Oliveira	Abertura SISAB	Pavilhão Atlântico, Lisboa
27-Fev-13	Luís Manso	Pedro Carpinteiro	Estratégia nacional mar	CCB, Lisboa
28-Fev-13	Paulo Varanda	Diogo Sentieiro	Fim saldos inverno	Avenida Guerra Junqueiro, Lisboa
05-Mar-13	Maria Miguel Cabo	Diogo Sentieiro	CI* Reformados Indignados	Hotel Fénix, Lisboa
06-Mar-13	Luís Manso	Rogério Esteves	Lojas encerradas	Massamá, Amadora
07-Mar-13	Fernanda de Oliveira Ribeiro	Jorge Guerreiro	Artes e Ofícios	Setúbal
12-Mar-13	Joana Alemão	Rui do Ó	Apresentação crias de chita	Jardim Zoológico, Lisboa
13-Mar-13	Joana Alemão	Filipe Ferreira	Manifestação estudantes ensino secundário	Saldanha, Lisboa
15-Mar-13	Anselmo Crespo	Rui do Ó	CI* Vítor Gaspar, resultados avaliação <i>Troika</i>	Ministério das Finanças, Lisboa
* CI (Conferência de Imprensa)				

²⁵ Repórteres de imagem

Apesar de estas terem sido saídas estritamente de observação e de aprendizagem, houve uma oportunidade que me foi dada que é de extrema importância destacar. No dia 1 de Março, quando ainda só tinha acompanhado três jornalistas, surgiu um serviço de última hora e para o qual não havia nenhum jornalista destacado. Tratava-se de uma conferência de imprensa no Ministério da Agricultura, em que a Ministra da Agricultura, Assunção Cristas, iria falar sobre linhas de crédito que iriam ser abertas para os agricultores afectados pelo grande temporal do mês de Janeiro. O coordenador do PJ, André Antunes, responsável pela atribuição de reportagens aos jornalistas, perguntou-me se me sentia capaz de ir à CI²⁶ e de fazer perguntas à Ministra da Agricultura, caso se justificasse. Respondi prontamente: “Claro, é para isso que aqui estou!”. Sem tempo para hesitações, o coordenador do PJ tratou de me providenciar um RI que me pudesse acompanhar no serviço. No entanto, não havia nenhum disponível, o que acontecia diversas vezes na SIC. Quando este tipo de situação acontecia, tínhamos de aguardar que chegasse uma equipa para podermos sair em reportagem. Porém, quando finalmente tinha um RI para me acompanhar, a CI já tinha acabado. Ainda assim, após um contacto rápido e directo com o assessor da Ministra da Agricultura, foi-nos dito que Assunção Cristas estava disponível para dar uma entrevista à SIC sobre o tema que teria sido abordado na CI. Assim sendo, teria de ser eu a fazer a entrevista. Por momentos, tive medo de falhar, tive receio de não conseguir fazer as perguntas correctas, fiquei ansiosa. Mas por incrível que possa parecer, o nervosismo esvaiu-se no momento em que tive o primeiro contacto com Assunção Cristas. No meu parecer, a entrevista correu na perfeição. Consegui fazer as perguntas adequadas, no tempo correcto e com a objectividade necessária e, principalmente, consegui levar para a SIC as respostas pretendidas. Porque, na verdade,

“a objectividade será provavelmente o conceito mais central sobre a qualidade da informação. A objectividade é uma dada forma da *prática* dos media e também uma dada atitude face às tarefas de recolher, processar e disseminar informação. As suas características principais incluem a adopção de uma posição de distanciamento e de neutralidade em relação ao objecto a reportar. Isto quer dizer ausência de subjectividade e de envolvimento pessoal” (McQuail, 1935: 174).

Este meu primeiro contacto directo com o mundo do jornalismo e com tudo aquilo que ele implica foi bastante positivo. No entanto, a principal dificuldade foi quando me

²⁶ Conferência de Imprensa

pediram um TH²⁷ sobre a entrevista realizada, para passar no *Primeiro Jornal* em menos de dez minutos. Sem dúvida alguma que o factor tempo foi o que causou mais incerteza e me trouxe mais dificuldade ao longo do tempo que passei no PJ, mas nunca pude deixar de acreditar de que era capaz de realizar todo o tipo de tarefas que me fossem propostas e esta não foi excepção, mesmo que fosse a primeira vez. Como referencia Schlesinger (*in* Traquina, 1999: 178) “o curso [do tempo] segue um regular ciclo diário, cuja cadência é pautada pelos *deadlines*. Estes e os inexoráveis ponteiros do cronómetro são dois dos mais potentes símbolos na cultura profissional do jornalista”. Assim sendo, em menos de dez minutos fiz o bloco de imagens do TH²⁸ e respectiva frase para o pivô ler antes de passar as imagens. Apesar de estar a lidar com a pressão do tempo, penso que isso foi fundamental para me adaptar à realidade que é o jornalismo televisivo.

Mas foi precisamente no dia 18 de Março, três semanas após a entrada no PJ, que me foi atribuída uma reportagem para eu realizar sozinha. Desde esse dia, até ao final do meu estágio, deram-me sempre a oportunidade de fazer reportagens, sobre os mais diversos temas. Para além de ser gratificante a nível pessoal, foi essencial para adquirir competências a nível profissional. Na tabela 2, enuncio todas as saídas que fiz que deram origem a reportagens, THs ou OFFs²⁹.

Tabela 2 - As “minhas” saídas

Data	RI	Serviço	Local	Trabalho final
18-Mar-13	José Carlos Mendes	Fiscalização trânsito resíduos perigosos	Torres Vedras	Reportagem
21-Mar-13	Odacir Júnior	Aplicação <i>smartphones</i>	PT Picoas, Lisboa	Reportagem
26-Mar-13	João Fontes	Tiroteio	Queluz	Reportagem

²⁷ Do inglês “talking head”, é um vivo solto, ou seja, a imagem de uma pessoa a falar directamente para a câmara sobre determinado tema.

²⁸ TH e respectiva frase do pivô, disponível em: <http://videos.sapo.pt/2zd6CJb1lGApJWJG10mH>

²⁹ Texto de peça jornalística lido pelo apresentador do bloco informativo sobre imagens editadas.

Data	RI	Serviço	Local	Trabalho final
27-Mar-13	Humberto Candeias	Actividades infantis (Páscoa)	Museu das Crianças, Lisboa	Reportagem
08-Abr-13	Álvaro Oliveira	Manifestação encerramento CTT	Barreiro	Reportagem
10-Abr-13	Fernando Silva	CI branqueamento de capitais (Governador Banco de Portugal e Ministra da Justiça)	Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa	TH
11-Abr-13	Rodrigo Lobo	Entrevista Sindicato ASAE	Lisboa	TH
11-Abr-13	Rodrigo Lobo	Entrevista Sindicato Função Pública	Lisboa	TH
15-Abr-13	Nuno Fróis	Entrevista Mário Nogueira, FENPROF	Sede CGTP, Lisboa	TH
16-Abr-13	Odacir Júnior	Rastreios Voz, Dia Mundial da Voz	Hospital Egas Moniz, Lisboa	Reportagem
17-Abr-13	Odacir Júnior	Derrocada prédio	Lisboa	Reportagem
18-Abr-13	Odacir Júnior	Posse Centro Hospitalar (Ministro da Saúde)	Ministério da Saúde, Lisboa	TH
23-Abr-13	Manuel Chaves	Exposição Legos	Campo Pequeno, Lisboa	Reportagem
24-Abr-13	Diogo Sentieiro	Romaria a cavalo	Moita	Reportagem
29-Abr-13	Rodrigo Lobo	Explosão habitação	Coruche	OFF
30-Abr-13	Álvaro Oliveira	Protesto encerramento CTT	Sintra	Reportagem
06-Mai-13	Fernando Almeida	Actividades infantis (Semana Mundial da Segurança Rodoviária)	Amadora, Lisboa	Reportagem
07-Mai-13	Jorge Guerreiro	Demolições terrenos	Brandoa, Lisboa	OFF

Data	RI	Serviço	Local	Trabalho final
09-Mai-13	Manuel Chaves	Ilustradora Sara-a-dias	Lisboa	Reportagem
13-Mai-13	Diogo Sentieiro	Reunião comerciantes com João Semedo (lei das rendas)	Largo Trindade Coelho, Lisboa	OFF
17-Mai-13	Pedro Cardoso	Rastreios hipertensão, Dia Mundial da Hipertensão Arterial	Gare do Oriente, Lisboa	Reportagem
20-Mai-13	Fernando Silva	Empresa recria Skates	Clínica <i>Fisiogaspar</i> , Lisboa	Reportagem
21-Mai-13	Jorge Oliveira	Vendas Telecomunicações e Electrónica	Media Markt Alfragide, Lisboa	Reportagem
04-Jun-13	Diogo Sentieiro	Vox Pop Impostos	Lisboa	Para incorporar numa peça
05-Jun-13	Diogo Sentieiro	Entrevista Mário Nogueira e João Dias da Silva	FENPROF e FNE, Lisboa	Para incorporar numa peça
07-Jun-13	Diogo Sentieiro	Cabeleireiro <i>Barbarella</i>	Chiado, Lisboa	Reportagem

Como podemos observar através da tabela 2, a maior parte das reportagens que realizei são de temas culturais/sociais. Apesar de não saber em que critérios o coordenador se baseia para definir quem faz o quê, quando observamos a tabela 1 rapidamente nos apercebemos de que os homens jornalistas são o género maioritário na elaboração de reportagens sobre economia ou política. Em contrapartida, os temas sociais ficam a cargo das mulheres. Ainda assim, contrariamente ao que se possa pensar, a área do desporto tem

muitas mulheres³⁰, apesar de ser uma área desde sempre muito ligada ao sexo masculino. Como afirma Ana Luísa Fernandes³¹, jornalista de desporto,

“Nós próprios dentro do jornalismo desportivo temos uma tendência para determinados desportos, que tem a ver com os nossos gostos pessoais e isso acaba por contar na hora de decidir quem faz o quê. Mas acho que não tem a ver com o género, tem a ver com as nossas aptidões e os nossos interesses. As chefias olham mais para isso, não fazem distinção absolutamente nenhuma entre géneros. Eu aqui não sinto isso. [...] Claro está que os rapazes desde pequenos são educados pra viver o desporto, para brincar no desporto, para fazer do desporto brincadeira, lazer e modo de estar, as mulheres não tanto.

Apesar de a jornalista afirmar que as chefias não têm em conta a questão do género, Ana Luísa Fernandes considera que, a nível social, essa questão ainda é motivo de discriminação para o sexo feminino. Apesar de, a nível profissional, declarar que não existem quaisquer diferenças, a jornalista considera que a nível social o papel de homens e mulheres não é igual:

“Do ponto de vista cultural e educacional, os homens acabam por ter mais facilidade em lidar e em explorar os assuntos. Acho que na nossa sociedade a mulher continua a não ser muito virada para o desporto, isto é, não é educada para este mundo e acaba por também ter influência no seu trabalho. Ou seja, acaba por ter de lutar muito mais para se instruir ao longo da carreira, enquanto os homens muitas vezes já vêm com muita instrução, essa é a grande diferença! Por outro lado, acho que a nossa sociedade ainda é muito masculina, o desporto ainda é muito masculino e as mulheres acabam por ter acesso a coisas de uma forma ligeiramente mais fácil. Nós, mulheres, acabamos por estar sujeitas a uma simpatia que muitos jornalistas homens não estão.”

O próprio subdirector de informação da SIC, José Gomes Ferreira, corrobora a ideia de Ana Luísa Fernandes e diz que a presença das mulheres jornalistas em eventos desportivos acaba por ser um factor dissuasor, ou seja, se há o respeito pela figura feminina por parte dos adeptos, fica sem se perceber a razão de serem e talvez por isso este tipo de

³⁰ Na tabela 1 não estão detalhadas as reportagens de desporto realizadas, porque esse trabalho fica a cargo da editoria específica de desporto, à qual não tive acesso durante o meu percurso na SIC.

³¹ Anexo 4 – Entrevista Ana Luísa Fernandes, realizada a 12-Abr-2013

eventos sejam coberto homens a fazer o trabalho. Ainda assim, o jornalista considera que, apesar disso, não existe diferença absolutamente nenhuma entre géneros na redacção da SIC e o mesmo é comprovado pelo facto de que a editoria do desporto, por exemplo, ter como editora uma mulher:

“Os jornalistas desta casa são igualmente competentes, sejam homens ou mulheres. Há diferença é pelo histórico da sua prestação na profissão. [...] De género não há nenhuma diferença. Todos eles fazem igualmente bem e todos eles precisam de ser bem enquadrados e de ter os meios para poder desempenhar o seu trabalho. Dito isto, não há diferença nenhuma de género, absolutamente. Eu não sinto nem nunca senti.”³²

Dizem-nos os dados do INE que existem mais mulheres com nível de escolaridade superior e secundário, e menos mulheres jovens em situação de abandono precoce de educação e formação. O sexo feminino tem acompanhado a crescente evolução do país no campo da investigação e desenvolvimento, bem como na utilização das novas tecnologias. Apesar de as mulheres apresentarem taxas de actividade e de emprego mais baixas (e de desemprego mais elevada), mais de um quinto das mulheres empregadas exercia funções de dirigentes e de carácter intelectual e científico. Embora estes dados não se confirmem na SIC, onde não se verifica a presença de nenhuma mulher nos cargos mais elevados de chefias, rapidamente nos apercebemos de que os cargos intermédios (editores), são quase todos ocupados por mulheres. António José Teixeira, diz mesmo que

“...já se evoluiu bastante. A mulher teve acesso em termos profissionais a praticamente tudo o que o homem fazia, a muitos dos lugares que no passado eram maioritariamente garantidos por homens. Mas acho que, muitas vezes, a mulher acabou por ganhar uma sobrecarga de trabalho porque acumulou isso com outro tipo de funções. Hoje não tem tanto a ver com falta de acesso a oportunidades profissionais, mas mais por um desgaste grande por acumular várias tarefas na sua vida. No caso do jornalismo essas questões também se podem colocar, o peso das responsabilidades pessoais e familiares, mas acho que a sociedade gradualmente vai encontrando soluções para esses problemas.”

A meu ver, apesar de a sociedade estar a ultrapassar esses problemas e a combater o estereótipo de género, ainda existe o estigma da mulher não puder realizar determinadas

³² Entrevista José Gomes Ferreira, realizada a 16-Mai-2013

tarefas e de apenas se afirmarem pela sua beleza. Paulo Garcia, jornalista e pivô de desporto há largos anos, afirma que “...há um bocadinho o estigma de que a mulher não pode fazer determinadas coisas que até há bem pouco tempo estavam apenas destinadas a ser os homens a fazer.”³³ Apesar de achar que as mulheres ainda estão muito ligadas à sua beleza, não me parece que, pelo menos na SIC, a imagem conte na hora de decidir quem faz o quê. Como refere o jornalista,

“Qualquer profissional, de qualquer área, tem de se implantar pela sua qualidade profissional e pelo seu carácter. E é muito mau, e acho que isso acontece mais nas mulheres do que nos homens, que elas pensem que se vão implantar pela sua beleza ou pela sua imagem. Eu espero que esta revolução que está a acontecer ajude a que haja cada vez mais mulheres jornalistas a ocuparem postos de referência, sejam eles quais forem, até porque as mulheres têm uma intuição muito própria, têm um tal sexto sentido que os homens não têm, são mais espertas, são mais difíceis de lidar. E portanto, espero que isso também seja aproveitado nas mulheres como uma grande vitória da competência, do carácter e da qualidade e não tanto pela vitória da beleza, porque atingir certos cargos só porque se é bonita não me parece que dê grande futuro.”

Considero que muitos dos estereótipos que ainda possam existir se devem à postura que a própria mulher assume. Penso que a sociedade portuguesa ainda liga muito a mulher ao seu papel de mãe e doméstica, contrariamente ao homem. É então imperativo que sejam reavaliados estes vários papéis da mulher na sociedade e que estes possam servir não como um aspecto negativo, mas sim como uma mais-valia no mercado laboral. Silveirinha (1997: 5), salienta que

“o discurso da ‘igualdade’ defende que é importante para as mulheres serem consideradas iguais aos homens, e considera a ‘diferença de género’ como uma forma de sexismo. O discurso da ‘diferença’, pelo contrário, considera que é impossível usar a medida de ‘igualdade conceptualizada do ponto de vista masculino, pelo que o que é preciso para superar esta perspectiva parcial é recuperar as qualidades ligadas à ‘diferença’ das mulheres. A ‘diferença de género’ tornou-se, assim, a estratégia selectiva activa para lidar com uma reavaliação das mulheres e o que passou a estruturar uma parte do seu movimento foi não só a igualdade dos direitos mas o direito à diferença”.

³³ Anexo 5 – Entrevista Paulo Garcia, realizada a 16-Abr-2013

Na direcção de informação da SIC, de facto, não existem mulheres. No entanto, existem em grande maioria nos cargos intermédios. Considero que muita dessa ausência se deve ao posicionamento da mulher no mundo social. Socialmente, considera-se que as mulheres têm mais sensibilidade para determinadas temáticas, são mais intuitivas, capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo e têm mais facilidade em desenvolver processos comunicativos com êxito. Os homens, é senso comum, são mais focados em tarefas imediatas, exigem concentração, conseguem agir rápida e eficazmente. E muitas dessas características acabam por se traduzir no mercado de trabalho. Tal como afirma José Gomes Ferreira,

“Para todos os efeitos, quando um casal tem filhos, a mulher fica mais tempo com as crianças. E isto é objectivo, não é uma manifestação de um desejo nem uma valoração, é assim na vida das pessoas. Em grande parte isso influencia a carreira seja no jornalismo, seja noutras áreas. A própria situação em que as mães ao longo da vida dedicam naturalmente mais tempo aos filhos influencia as carreiras. [...] E em jornalismo, nomeadamente em cargos de responsabilidade em empresas editoriais, a dedicação tem de ser a 100%, porque a realidade está sempre a mudar. “.

Na opinião de Miguel Franco de Andrade, jornalista da editoria da cultura, muito do machismo que se vive nas redacções é culpa do próprio sexo feminino, que deixa que esse machismo e esse “poder” masculino se perpetue. Ainda assim, o jornalista acredita que “...nestes 40 anos de democracia estamos a dar passos largos nessa actualização em relação ao mundo, que também ele próprio está a mudar. As coisas estão numa fase de transição, não se sabe bem para quê, mas parece ser no sentido da igualdade de género.”³⁴

Não saberei dizer se estamos a caminhar no sentido da igualdade de géneros. O que me parece é que, nomeadamente na SIC, os estereótipos estão a ser ultrapassados e as mulheres começam a afirmar-se no jornalismo televisivo. Se estas estão em maior número como pivôs, não me parece que seja simplesmente pela sua imagem, mas, em grande parte, pelo crescente ingresso das mulheres no ensino superior. Se também não são visíveis mulheres em cargos de direcção, também não me parece que seja por as mulheres serem menos competentes, mas sim por questões conjunturais, de organização e de identificação com os cargos e também, como referi anteriormente, considerando a opinião de José Gomes Ferreira, pelo facto de a mulher ter outras prioridades, como o exercício da

³⁴ Anexo 6 – Entrevista Miguel Franco de Andrade, realizada a 19-Abr-13

maternidade. As diferenças existem mas porque, desde logo, socialmente, há uma tendência para se pensar desta maneira e para atribuir tarefas diferentes a ambos os sexos. Poderá ser abusiva a utilização do termo discriminação, tendo em conta a observação directa que me foi permitida durante o estágio, bem como os testemunhos recolhidos.

Como afirma Miguel Franco de Andrade,

“...com essa entrada das mulheres no jornalismo, estamos-nos a reconciliar e quase a fazer as pazes com um direito que foi roubado às mulheres durante séculos, que é o de terem os mesmos direitos que os homens, nomeadamente no acesso à profissão e no gozo da profissão. Por isso, só coisas boas podem advir daí.”

4.2.2 Madrugadas

Ao longo do estágio, também temos a tarefa de fazer madrugadas, que é um trabalho positivo por um lado e negativo por outro. Por um lado, é um horário em que trabalhamos apenas com o pivô e onde temos uma responsabilidade acrescida, pois muito do trabalho que é preciso fazer é realizado pelo estagiário. Por outro lado, o horário é extremamente cansativo. No geral, ao longo de todo o tempo de estágio, fazemos duas semanas, em meses distintos. No meu caso, fiz uma semana em Março e outra em Maio.

Da meia-noite às seis da manhã, as tarefas neste horário passam por: ler as notícias vindas das agências noticiosas internacionais, escrever os OFFs ou fazer THs e editar as respectivas imagens. Os meus textos eram corrigidos e posteriormente lidos pelo pivô do jornal, que apresentava jornais de hora a hora. Outra das funções é ouvir as notícias da TSF, também de hora a hora, para nos irmos mantendo actualizados e saber se há alguma “novidade”. Quando tal se justificasse, saíamos em reportagem. No meu caso, aconteceu-me duas vezes: as duas na primeira semana de madrugadas. A primeira vez, no dia 30 de Março, fui para o Cartaxo, para um incêndio num armazém de materiais de construção, a *Constrolândia*. A TSF começou por noticiar que o incêndio era de grandes dimensões, o que inclusive teria obrigado à presença de centenas de bombeiros. Contudo, aquando da chegada ao respectivo armazém, tal não se verificou. Para além de não haver ninguém no local, não se verificava a existência de qualquer tipo de incêndio. Ainda assim, não querendo descartar a notícia que haveria sido dada pela TSF, procurei saber, junto das corporações de bombeiros locais, o que de facto tinha acontecido. Portanto, acabei por descobrir que o incêndio tinha sido de pequenas dimensões e apenas numa ala do armazém

de construção, daí não se conseguir ver nada do lado de fora. Posto isto, eu e o repórter de imagem que me acompanhava, José Silva, voltámos para a SIC sem notícia. Pela primeira vez, não soube muito bem como agir. Porém, a culpa não tinha sido minha e, por isso, não tinha por que ter medo – eu tinha feito o que devia.

O mesmo se verificou na minha segunda saída durante a semana de madrugadas. Desta feita, tive de me deslocar para Santarém e Constância, devido às fortes inundações que afectaram todo o país durante o mês de Março, por causa do mau tempo. Saímos da SIC por volta da uma hora da manhã e estivemos em reportagem durante cerca de duas horas, a recolher imagens no local. Voltámos à SIC, por volta das cinco horas da manhã, eu e o repórter de imagem, Rogério Esteves. Contudo, devido ao facto de termos estado a fazer um trabalho à noite, com pouca luz, e onde a água dificultava o acesso aos lugares, o trabalho foi inutilizado. Ou seja, depois de duas saídas, não houve oportunidade de realização nem de reportagens, nem de OFFs. Ainda assim, apesar desse sentimento inicial de inutilidade, o resto das semanas de madrugadas (em Março e em Maio), não poderiam ter corrido melhor. Todos os dias tinha OFFs para fazer, quer fossem nacionais, quer fossem internacionais. Senti que os jornalistas que me acompanhavam confiavam no meu trabalho e depositavam em mim a segurança que eu necessitava para fazer um bom trabalho jornalístico.

O sentimento era de alguma insegurança, especialmente no início, mas ao longo dos trabalhos fui ganhando mais confiança. A preocupação residia, sobretudo, em querer realizar um bom trabalho jornalístico, conseguindo reunir as informações importantes e esperadas. O principal objectivo, para mim, era nunca desiludir e conseguir participar da melhor forma possível. Mas por muito que eu pudesse estruturar antecipadamente as perguntas ou até mesmo pensar numa estrutura para a reportagem, a aplicação no terreno trouxe sempre alguma imprevisibilidade e implicou readaptações. Sem dúvida que os repórteres de imagem foram um apoio importante, esclarecendo dúvidas, fornecendo pistas para realizar o trabalho, mas também partilhando experiências. Por isso, senti que experienciei um trabalho de equipa, transversal a todo o percurso de estágio.

Conclusão

Este relatório teve como objectivo primordial reflectir a prática vivenciada durante os seis meses de estágio na SIC, tendo em conta as inúmeras tarefas inerentes à profissão de jornalista. Através deste documento tentei reconstituir e transmitir os principais momentos do meu estágio, explicando como foi este meu primeiro contacto com o mundo profissional.

Não tendo uma licenciatura na área da Comunicação Social, mas sim na área das Tecnologias da Comunicação, tornou-se fundamental o primeiro ano do Mestrado em Jornalismo. As unidades curriculares, principalmente as práticas, revelaram-se alicerces fundamentais ao longo do meu percurso académico e proporcionaram-me aprendizagens essenciais para a fase seguinte: o estágio.

A exigência dos jornalistas e o profissionalismo com que elaboram cada peça tornam a SIC uma grande escola na percepção da realidade e do que é fazer jornalismo televisivo. Porém, não posso deixar de referir que há coisas que não correram da melhor forma durante o estágio. Um dos principais problemas residiu no facto de serem muitos os estagiários presentes na redacção (cerca de 12) e, por isso mesmo, os jornalistas não terem tempo nem paciência para nós, o que faz com que não tenhamos o devido acompanhamento. Como seria de esperar, acaba por ser um pouco frustrante e, simultaneamente, inquietante por termos de responder aos elevados níveis de exigência diários. Outro dos problemas com que me deparei foi o facto de não ter me terem concedido algumas das entrevistas mais importantes para a elaboração deste relatório. Não posso, contudo, descartar a qualidade das relações que se criaram e dos laços de amizade que se estabeleceram, que se revelaram como sendo apoios fundamentais ao longo de toda a minha caminhada.

Relativamente à problemática central deste relatório de estágio, considero que não consegui chegar a uma conclusão absolutamente clara. Se, por um lado, as mulheres estão em maior número na redacção da SIC, por outro, a nível hierárquico, é o sexo masculino que predomina nos postos de maior relevo dentro da redacção informativa. Ainda assim, são as mulheres jornalistas que estão em maior número como editoras, bem como nos cargos de pivôs. No entanto, apesar disto se verificar, de acordo com os directores de informação são apenas questões conjunturais. Contudo, pude verificar que os temas

sociais/culturais estão mais dirigidos às mulheres jornalistas, contrariamente aos temas económico/políticos, que são mais focados para os jornalistas do sexo masculino; apesar de não haver uma explicação concreta por parte das chefias para isto acontecer. Ainda assim, tendo em conta estes dados concretos, também foi notório que, por parte da direcção de informação, não se promove uma desigualdade entre géneros, afirmando-se que essa é uma questão que nunca está presente nem influencia as tomadas de decisão. No entanto, as jornalistas são as primeiras a admitir que existe desigualdade entre homens e mulheres, estando estas mais sujeitas a apreciações que passam pela simpatia que as chefias têm por elas, por exemplo. Mesmo com um crescente ingresso das mulheres no ensino superior, com reflexos no mercado televisivo, pude constatar que as mulheres ainda têm mais dificuldades em atingir cargos de topo, onde as remunerações são, naturalmente, mais elevadas. Em todo o caso, ainda que existam diferenças nos níveis hierárquicos da redacção de informação da SIC, penso que muito se deve ao facto do papel que a mulher ainda assume na sociedade portuguesa. Por isso mesmo, não será rigoroso falar-se de discriminação dentro da empresa, antes de diferenças que espelham os papeis sociais definidos *a priori*. Apesar de já terem passado 40 anos desde o 25 de Abril de 1974 e da implantação da democracia, é notório que ainda existe um caminho a percorrer, relativamente à igualdade entre géneros, na sociedade portuguesa.

Sinto que o balanço da minha passagem pela SIC foi muito positivo. Julgo ter dado o meu melhor ao longo de toda esta caminhada, o que me permitiu crescer emocional e profissionalmente e, para além disso, acredito que fiz um bom trabalho jornalístico. Assim sendo, ao longo dos seis meses de estágio, ganhei ainda mais certezas quanto ao que quero fazer no futuro: ser jornalista.

Bibliografia

AMÂNCIO, Lúcia (s.d), *Feminismo*. Instituto da Filosofia e da Linguagem, Dicionário de Filosofia Moral e Política. Disponível em

<<http://www.ifl.pt/private/admin/ficheiros/uploads/7ffec70b3601475f2559ae21979b1faa.pdf>>

AMÂNCIO, Lúcia (1994), *Masculino e Feminino*. Porto: Edições Afrontamento

BEAUVOIR, Simone de (1949), *O Segundo Sexo*. Amadora: Bertrand, 1981

BERN, Sandra (1993) *The Lenses of Gender*. London: Yale University Press

BERNARD, Yves & COLLI, Jean-Claude (1989), *Dicionário Económico e Financeiro*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

BOURDIEU, Pierre (1997), *Sobre a Televisão*. Oeiras: Celta Editora

CARTER, Cynthia e STEINER, Linda (2004), “Introduction to critical readings: media and gender”, in *Critical Readings: Media and Gender*. Maidenhead: Open University Press, p.1-10

CARTER, Cynthia e STEINER, Linda (2004), “Mapping the contested terrain of media and gender research”, in *Critical Readings: Media and Gender*. Maidenhead: Open University Press, p.11-35

ERGAS, Yasmine (1991). “O sujeito Mulher. O feminismo dos anos 1960-1980”. In G. Duby & M. Perrot (Eds.), *História das Mulheres. O século XX*. Porto: Edições Afrontamento

GARCIA, Luís e CASTRO, José (1993), “Os jornalistas portugueses: Da recomposição social aos processos de legitimação profissional”, in *Sociologia. Problemas e Práticas*, Nº 13. Lisboa: CIES/ISCTE, pp. 93-114

GROSSI, Giorgio (1985), “Professionalità giornalistica e costruzione sociale della realtà”, in *Problemi dell' Informazione*.

LOPES, Felisbela (2012), *Vinte Anos de Televisão Privada em Portugal*. Lisboa: Guerra & Paz

LOPES, João (1995), *Teleditadura. Diário de um espectador*. Lisboa: Quetzal

MARQUES DA SILVA, Sofia (2010), “Mulheres e feminilidade em culturas ocupacionais de hegemonia masculina”, in Virgínia Ferreira (org), *A igualdade de mulheres e homens no trabalho e no emprego em Portugal: políticas e circunstâncias*. Lisboa, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego

MCQUAIL, Denis (2003), *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

NOGUEIRA, Conceição (2001), “Feminismo e Discurso do Género na Psicologia Social”, Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4117/1/feminismo%20e%20discurso%20do%20g%C3%A9nero%20na%20psicologia%20social.pdf>>

PINTO-COELHO, Zara (2010), “Género nos média portugueses: a insustentável leveza da mudança”. Academia.edu. [Internet] Disponível em <http://www.academia.edu/1699621/Genero_nos_media_portugueses_a_insustentavel_leveza_da_mudanca>

REBELO, Dulce (2004), “As Conquistas Democráticas da Mulher Portuguesa”. Associação 25 de Abril. Disponível em <http://www.25abril.org/a25abril/get_document.php?id=240>

SANTOS, Rogério (2002). *Dez anos de história da SIC (1992-2002)*. Obercom Televisão, Qualidade e Serviço Público, nº 6, Novembro. Disponível em <<http://www.obercom.pt/content/80.cp3>>

SEGAL, Lynne (1995). “A feminists looks at the family”. In J. Muncie, M., Wetherell, R., Dallos & A. Cochrane (Eds.), *Understanding the family*. London: Sage

SILVEIRINHA, Maria João (1997), “O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária”. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-maria-joao-discurso.html>>

SILVEIRINHA, Maria João (2004), *As Mulheres e os Media*. Lisboa: Livros Horizonte

SUBTIL, Filipa (2000), “As mulheres jornalistas”. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.pdf>>

TORRES, Eduardo Cintra (1998), *Ler Televisão*. Oeiras: Celta Editora

TRAQUINA, Nelson (1997), *Big Show Media*. Lisboa: Notícias Editorial

TRAQUINA, Nelson (1999) (org), *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Veja, 2ª ed, pp. 11-26

TUCHMAN, Gaye (1978), “O aniquilamento simbólico das mulheres pelos meios de comunicação de massas”, in Maria João Silveirinha (org), *As Mulheres e os Media*. Lisboa: Livros Horizonte

WOLF, Mauro (1987), *Teoria da Comunicação*. Lisboa: Editora Presença

Páginas online

Dados INE 2011, Disponível em

<http://www.cite.gov.pt/asstscite/downloads/publics/Indicadores_PT_2011.pdf>,

Consultado a 3-Jul-13

Dados INE, *Estatísticas no Feminino: Ser Mulher em Portugal 2001-2011*, Disponível em <www.ine.pt>, Consultado a 3-Jul-13

Grupo Impresa - *Quem Somos*, Disponível em <<http://www.impresa.pt/>>, Consultado a 27-Nov-12

Jornal Público, Disponível em <<http://www.publico.pt/politica/noticia/o-imperio-dos-comentadores-onde-quem-manda-sao-os-politicos-1594179>>, Consultado a 15-Mai-13

SIC, Disponível em <<http://www.sic.sapo.pt>>, Consultado diversas vezes ao longo da elaboração deste relatório

SIC Institucional – *História*, Disponível em <<http://www.impresa.pt/folder3/Impresa/Institucional/QuemSomos.html>>, Consultado a 27-Nov-12

SIC Institucional – *Valores*, Disponível em <<http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/valores/>>, Consultado a 27-Nov-12

SIC Institucional – *Universo SIC*, Disponível em <<http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/sic+institucional/universo/>>, Consultado a 29-Nov-12

SIC Notícias. *Opinião Pública*, Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/programas/opiniaopublica/>>, Consultado a 13-Fev-13

ANEXOS

Anexo 1 – Entrevista Liliana Gomes

Nome: Liliana Gomes

Idade: 30 anos

Habitações: Licenciatura em Comunicação Social, na Universidade do Minho

Experiência na área: 8 anos

Área: Produtora/coordenadora do programa Opinião Pública, SIC Notícias

Acha que na SIC existe diferença entre homens e mulheres ao nível do trabalho jornalístico?

Se falarmos em termos de cargos de chefia, não se pode dizer que haja uma diferença enorme. Na redacção de informação da SIC há mais mulheres do que homens, isto porque também nos cursos de comunicação social e de jornalismo, há normalmente mais mulheres do que homens. E aqui não é excepção, ou seja, há muito mais mulheres a trabalhar do que homens. Mas acho que quando se olha para cargos de chefia intermédios não se nota uma grande diferença, porque nós na informação temos muitas mulheres que ocupam cargos como coordenadoras, como editoras, isto é, pessoas que são responsáveis por espaços e por editorias. Ou seja, se calhar até há mais mulheres em cargos intermédios do que homens. No entanto, quando se fala de cargos de direcção, aí sim é visível essa diferença, mas não sei explicar porquê. Mas se formos a ver, a direcção de informação é toda constituída por homens.

Mas considera que pode haver alguma discriminação pelo facto da direcção de informação ser toda ocupada por homens?

Não, isso não acredito. As pessoas são avaliadas pelo seu trabalho, não há assim tanta discriminação entre homens e mulheres. Na SIC Notícias, por exemplo, a maioria dos pívôs são mulheres. Por isso acho que não há essa discriminação, com excepção dos cargos de direcção, mas também não sei se lhe chame discriminação. Para as mulheres, ascender a um cargo de direcção pode ser mais difícil.

E acha que aqui na SIC continuam a associar muito a mulher à imagem e ao homem mais o poder ou a competência?

Nós estamos a falar de uma televisão e então eu acho que sim. Sei que isso não acontece com toda a gente, mas aqui a evolução na área da televisão tem muito a ver com a imagem e às vezes não só com as competências ou com a forma de trabalhar. Não estou a falar em relação a discriminação entre homens e mulheres, mas uma discriminação em geral, se calhar entre as próprias mulheres. Mas há oportunidade para todos. No entanto, temos de ter em conta que sendo a televisão algo que vive muito da imagem, ter uma boa imagem acaba por ser um passaporte. Em relação aos homens acho que, como eles são tão poucos, a questão da imagem não se coloca, porque temos de tentar ter aqui algum equilíbrio entre o número de pivôs.

A questão de género pode influenciar as tomadas de decisão, ou seja, nas reportagens que há para fazer sobre diferentes temas, a questão de género é tida em conta?

Não sei se é especificamente tida em conta. Se calhar as mulheres têm uma sensibilidade diferente da dos homens para tratar alguns temas. Se calhar damos importância a coisas que os homens não dariam e isso talvez se note em alguns dos temas que são feitos para televisão. Se calhar se fosse uma mulher directora, haveriam temas sociais abordados mais frequentemente, por exemplo.

Os convidados do programa Opinião Pública são maioritariamente homens... Porquê?

Não há uma explicação, não há nenhum tipo de critério em relação ao facto de serem homens ou mulheres. Ou seja, na nossa escolha do convidado, não influencia se é homem ou mulher. Na nossa base de dados, efectivamente são muito mais homens do que mulheres, mas não temos isso em conta. Interessa-nos ter pessoas que falem bem e que percebam do assunto, mas a questão de género não é tida em conta. Aliás, de vez em quando temos mulheres que vêm e que falam muito bem. Quando convidamos alguém, temos em conta só o critério de a pessoa perceber ou não do assunto, não o critério de género.

E em relação às pessoas que ligam para o programa para “opinar” sobre o tema... Também são muitos homens a telefonar... Terá que ver com os temas escolhidos para o programa?

Temos muitos homens mas também muitas mulheres a telefonar. No Opinião Pública, a maior parte das pessoas que ligam são reformados, desempregados... Há temas que interessam mais às mulheres e nos quais elas são mais participativas, há outros que não. Não dá para diferenciar quais são os temas que interessam a uns e quais são os temas que interessam a outros. E na hora de decidir quem entra no programa também não há nenhum critério de escolha por género, toda a gente que liga e que se inscreve tem oportunidade de participar.

Enquanto jornalista tinha alguma ambição na carreira e acha que o facto de ser mulher condicionou a sua realização?

Tenho ambições claro, eu estou aqui nesta empresa há 8 anos e toda a gente quer ascender. Mas não acho que seja pelo facto de ser mulher que isso deixou ou não de acontecer. Poderá ser por outras razões, mas nada a ver com a questão do género. Se fosse a questão da idade, talvez. Tenho a certeza absoluta que a questão da idade é tida em conta, em comparação com pessoas que estão cá há mais tempo... Agora o género não, isso não influencia.

Anexo 2 – Entrevista Marta Atalaya

Nome: Marta Atalaya

Idade: 40 anos

Habitações: Licenciatura em Ciências da Comunicação, na Universidade Autónoma de Lisboa

Experiência na área: 18 anos

Área: Pivô SIC Notícias

Como é que vê a questão do género dentro da redacção...Sente que há discriminação entre homens e mulheres jornalistas?

Não, nunca senti essa discriminação. Aliás, acho que todas as áreas, sobretudo o jornalismo, lucram com os dois géneros que se equilibram muito bem. Penso que desta forma, dada a natural diferença entre homem e mulher, se contribui para uma informação diversificada em matéria de conteúdo e de mensagem. De uma maneira mais geral, os homens com mais racionalidade, as mulheres com mais sensibilidade.

Acha que existe alguma diferença na divisão de trabalho entre homens e mulheres pelas diferentes editorias?

Nas redacções por onde passei havia essa diferença, nomeadamente na editoria de desporto, mas isso foi na década de 90. Quando trabalhei no jornal Correio da Manhã na editoria de Desporto recordo que, durante algum tempo, fui a única mulher. Depois veio uma colega. Hoje já não é assim. Há um equilíbrio também no desporto, na política, na cultura, na economia ou na sociedade. Acho que acima de tudo deve respeitar-se o gosto e a vocação do jornalista. Quanto ao pivô, tem de estar dentro de tudo. Num jornal, tem de estar preparado para fazer uma entrevista sobre um jogo de futebol e dez minutos depois ter em estúdio um especialista a falar de recessão.

Como pivô, considera que, em televisão, ao homem exigem poder/competência e à mulher continuam a associá-la mais à imagem?

De maneira nenhuma, já lá vai o tempo em que as pivôs não eram jornalistas mas apresentadoras. Muitas eram escolhidas nas agências de modelo. Obviamente que a imagem é importante, como em qualquer profissão, sobretudo esta com tanta visibilidade pública, mas esvai-se no primeiro segundo se a comunicação for eficaz. Quanto à beleza, até pode levar o profissional, seja ele homem ou mulher, a ter de provar muito mais, que merece estar naquele lugar não porque tem uma boa imagem, mas pela competência e pela credibilidade que oferece. Acima de tudo é importante a serenidade, a segurança e a empatia que nos aproxima do público.

Acha que o facto da direcção de informação da SIC ser constituída apenas por homens, condiciona de alguma maneira as tomadas de decisão?

Não, de todo, apesar de lamentar esse facto, não escondo.

Tinha alguma ambição na hierarquia jornalística e acha que o facto de ser mulher condicionou a sua realização?

A minha ambição nunca foram lugares. Nunca sonhei chegar ao topo dessa hierarquia. Aliás, acho que não tenho perfil de líder. Sou demasiado "boazinha" e sensível às pessoas para ser capaz de tomar decisões racionais e distantes que possam, mesmo que inconscientemente, prejudicar alguém. Gosto mesmo é do trabalho de equipa, de entreajuda, de redacção, de terreno. Sou mais de executar do que mandar! Sempre procurei fazer o melhor que sei e crescer todos os dias um bocadinho. Tal como digo aos meus filhos, não importa ser o melhor, mas fazer o melhor que somos capazes!

Como vê a questão de género no futuro do jornalismo televisivo?

Uma igualdade e tolerância crescentes, não só no jornalismo mas em matéria do respeito pelos direitos humanos e das mulheres, em prol de uma sociedade mais justa e humanizada!

Anexo 3 – Entrevista Rita Neves

Nome: Rita Neves

Idade: 29 anos

Habitações: Licenciatura em Comunicação Social, na Universidade Católica de Lisboa

Experiência na área: 7 anos

Área: Pool JN e Pivô SIC Notícias

Considera que na redacção da SIC existe discriminação entre homens e mulheres?

Uma discriminação óbvia não, mas eu acho que em qualquer redacção existe uma discriminação que está um bocadinho “encapotada”. Ou seja, temos desde logo o problema de que cada vez há mais mulheres do que homens... Portanto, quando aparece um estagiário ou um novo jornalista, toma-se mais atenção aos homens do que às mulheres, porque já são muitas as mulheres. Apesar de eu achar que um homem, quando tem alguma competência, é imediatamente mais reconhecido do que uma mulher. A mulher tem que provar o dobro que é competente e que está aqui por mérito e não porque tem uma cara “laroca” ou porque agradou a alguém! De resto, é um pequeno passo, porque depois de mostrares a tua competência, não há discriminação nenhuma.

Entao acha que continuam a associar a mulher mais à imagem e ao homem mais ao poder e á competência?

Sim, sem dúvida.

E considera que, de alguma maneira, o trabalho do homem se difere do da mulher?

Não, eu acho que as diferenças vão de pessoa para pessoa, não é de homem para mulher. Não vejo que haja diferença. É logico que os homens têm mais facilidade em determinados sítios e em determinados cenários de reportagem, porque é normal ser assim, mas também há mulheres que se sentem mais à vontade em determinados temas.

Tinha alguma ambição na sua carreira de jornalista e acha que o facto de ser mulher condicionou a sua realização?

Condicionou-me numa parte. Quando acabei o meu estágio na SIC eu ia cá ficar a trabalhar de qualquer maneira. Mas como sou mulher e até tenho uma cara telegénica, onde me quiserem pôr foi a apresentar jornais. Portanto, apesar de não ter condicionado a minha escolha de profissão, condicionou o caminho por onde eu queria começar. Por ser mulher, por ter a aparência e a voz que tenho, encaminharam-me para um caminho que não era o meu preferido nem era aquele que eu queria fazer na altura.

Ainda assim, enquanto apresentadora, continua a fazer muitos trabalhos de reportagem na pool do Jornal da Noite...

Sim, mas limitou-me. Porque comecei nas madrugadas e o tempo que restava para fazer reportagem era muito pouco. As equipas de reportagem têm que contar normalmente com uma equipa fixa e como eu estava muito poucas vezes na redacção, acabavam por me pôr como apoio à equipa da SIC Notícias e não tanto a fazer trabalhos de reportagem. Isso deu-me um bocado mais de atraso relativamente às outras pessoas, levei um tempo maior a conseguir começar outra vez a sair para a rua e a fazer reportagem. Nesse aspeto condicionou.

Noto que na SIC há muitas mulheres jornalistas mas as chefias são ocupadas maioritariamente por homens... os directores de informação, por exemplo, são todos homens... de alguma maneira isso pode influenciar as tomadas de decisão?

Pode e acho que influencia. Se formos a ver bem, a SIC é um bocadinho “machista”. Apesar de não poder falar de números oficiais, a nível salarial, por exemplo, os homens ganham mais do que as mulheres. Se olharmos no geral, acho que os homens são mais compensados e têm mais força no poder decisório das chefias. Portanto, se fores falar com um director geral ou um director de informação, eles têm mais peso... Os homens têm mais peso, sem sombra de dúvidas, do que as mulheres.

E porque é que isso continua a acontecer?

Não sei, sinceramente não sei. Ainda há um bocado esse preconceito, que se dá mais mérito à competência dos homens. Quando um homem é competente é porque é super competente, às mulheres ainda se dá o benefício da dúvida: “deixa ver se ela é competente

ou se é só mais uma rapariga que ficou aqui contratada porque até fica bem na televisão!”. Isso acontece muito.

No futuro isso pode mudar?

Eu espero que sim. Aliás, eu acho que vai ter que ser, porque são cada vez mais as mulheres na área. Portanto, vai haver um ponto em que terá de ser ou então os homens só assumem cargos de chefia e ficam as mulheres todas a trabalhar na redacção. Naturalmente, as redacções são cada vez mais preenchidas por mulheres, portanto acho que isso vai eventualmente mudar daqui a uns anos e nós vamos ter directoras de informação mulheres. Acho que no futuro, naturalmente, isso vai mudar.

Anexo 4 – Entrevista Ana Luísa Fernandes

Nome: Ana Luísa Fernandes

Idade: 32 anos

Habitações: Licenciatura em Jornalismo, na Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa

Experiência na área: 6 anos

Área: Jornalista de Desporto

Como é que avalia o trabalho dos homens jornalistas? Acha que se difere do trabalho da mulher?

Não acho que o trabalho seja diferente, o trabalho é exactamente o mesmo. Do ponto de vista cultural e educacional, os homens acabam por ter mais facilidade em lidar e em explorar os assuntos. Na nossa sociedade, a mulher continua a não ser muito virada para o desporto, não é educada para este mundo, e acaba por também ter influência no seu trabalho. Ou seja, acaba por ter de lutar muito mais para se instruir ao longo da carreira, enquanto os homens muitas vezes já vêm com muita instrução, essa é a grande diferença! Por outro lado, acho que a nossa sociedade ainda é muito masculina, o desporto ainda é muito masculino, e as mulheres acabam por ter acesso a coisas de uma forma que acaba por ser ligeiramente mais fácil. Nós mulheres acabamos por estar sujeitas a uma simpatia que muitos jornalistas homens não estão.

Então acha que os homens jornalistas de desporto se consideram mais profissionais e mais competentes do que as mulheres?

Acho. Acho que tanto os jornalistas homens se vêm como mais competentes do que nós, como nós os vemos como mais competentes, então temos tendência a lutar muito mais para mostrar que somos igualmente competentes. Não é uma questão de ser mais, o que nós tentamos é alcançar a igualdade de tratamento.

Continuam a associar muito a mulher à imagem e a exigir aos homens mais a competência?

Dentro do jornalismo desportivo sim, dentro do jornalismo global acho que não. Por exemplo, sinto que na política as mulheres dominam muito mais. Agora dentro do jornalismo desportivo é isso mesmo, a mulher jornalista desportiva tem muito mais a ver com a imagem do que propriamente com as competências profissionais... Ainda! Acho que está a mudar.

E dentro da SIC, na hierarquia que aqui existe em geral... ainda existe diferença? A questão do género ainda é tida em conta ou não?

Pelas chefias honestamente acho que não, é um estigma que nós temos ao mesmo nível. A meu ver, as chefias não olham a isso, olham para quem está disponível ou quem tem mais competências para determinado assunto. Nós próprios dentro do jornalismo desportivo temos uma tendência para determinados desportos, que tem a ver com os nossos gostos pessoais e isso acaba por contar na hora de decidir quem faz o quê. Mas acho que não tem a ver com o género, tem a ver com as nossas aptidões e os nossos interesses. As chefias olham mais para isso, não fazem distinção absolutamente nenhuma entre géneros. Eu aqui não sinto isso.

Tanto que aqui no desporto curiosamente a vossa editora é uma mulher, precisamente por ter competências para isso...

Precisamente. É a prova de como as nossas chefias não olham para os géneros.

No futuro, como é que vê a questão de género?

Vejo que tem tendência para mudar. A mulher está cada vez mais a afirmar-se em igualdade de circunstâncias com os homens ao nível do jornalismo desportivo. Mas é ainda um longo caminho, porque voltamos à questão cultural e educacional. Claro está que os rapazes desde pequenos são educados pra viver o desporto, para brincar no desporto, para fazer do desporto brincadeira, lazer e modo de estar, as mulheres não tanto. Mas talvez daqui a alguns anos já não se note tanto a diferença, ou aliás, já se veja a igualdade, porque é tudo uma questão de educação. Estamos a mudar, estamos a conseguir, mas continua a ser uma luta. Nós próprias muitas vezes fazemos por mostrar essa luta o que eu acho que, e contra mim falo, não é positivo. Nós não temos de mostrar a luta, o nosso trabalho tem de

falar por si. Nós temos tendência para mostrar que somos capazes, isto é, fazemos o nosso trabalho bem feito mas gostamos de salientar que o fizemos. E enquanto nós próprias também estivermos sempre a vincar isso, a diferença vai manter-se. Por isso é que eu digo daqui a alguns anos, porque também a sociedade...

Acaba por mudar e adaptar-se...

Sim e nós quer queiramos quer não, ainda temos de olhar um bocadinho para o passado. Portugal só desde 1974 é que tem uma igualdade na lei entre homens e mulheres. Portanto, nós estamos a fazer um percurso que muitos países fizeram antes, a partir da Segunda Guerra Mundial, por isso estamos um bocadinho atrasados nesse aspecto.

E como mulher jornalista... Tinha alguma ambição na sua vida profissional e acha que o facto de ser mulher a condicionou?

Eu vou ser muito franca... Eu quando escolhi jornalismo não sabia exactamente o que é que eu queria dentro do jornalismo. Por isso, não te sei responder a essa pergunta de uma forma objectiva. Eu tenho uma ambição muito grande, que é conseguir fazer aquilo que faço 100% correcto, mas isso é uma luta diária! Porque às vezes nós não damos importância a pequenos detalhes mas esses fazem uma grande diferença! Eu dou importância à vírgula fora do lugar, ao sujeito mal aplicado, à imagem que não corresponde ao texto, ao parágrafo mal colocado... eu dou importância a esses detalhes, porque isso faz com que o trabalho esteja 100% correcto e, como disse, isso é uma luta diária. E eu quando digo luta estou a utilizar verdadeiramente o termo. Acho que hoje em dia com a pressa, e a pressa tem muito a ver com a evolução da internet, temos tendência a ser mais desleixados, o que nos prejudica. Portanto, a minha ambição neste momento, eu não posso dizer que quero ser isto, quero ser aquilo...porque eu não me vejo assim. Eu vejo uma luta diária de fazer tudo 100% correcto

Anexo 5 – Entrevista Paulo Garcia

Nome: Paulo Garcia

Idade: 43 anos

Habitações: Curso de Relações Internacionais, na Universidade Lusófona de Lisboa

Experiência na área: 20 anos

Área: Pivô Desporto SIC Notícias

Começava por lhe perguntar se acha que aqui na SIC existe diferença entre homens e mulheres ao nível do trabalho de cada um?

Não, nunca notei nada.

Acha que o trabalho da mulher e do homem se diferem de alguma maneira?

Não, acho que se complementam. Se calhar o homem é uma capacidade de trabalho muito mais em esforço e a mulher muito mais em subtileza e até inteligência. Acho que as duas coisas se complementam perfeitamente.

Considera que à mulher continuam a associar muito a imagem e ao homem mais as competências?

Acho. Em relação à SIC nunca notei isso, mas no mundo global acho que sim. Mas também acredito que as pessoas estão muito mais diluídas de há uns anos para cá. O aparecimento de mulheres em determinadas áreas da televisão, sobretudo como pivôs e muito ligadas à área do desporto, que é sempre uma área que durante muitos anos se traduzia e se identificava como uma área de virilidade, desvirtuou um bocado isso.

Mas em que aspectos é que nota que existe essa diferença?

Eu acho que essa diferença é um bocadinho cultural, não é só no jornalismo. Apesar dos muitos avanços que felizmente se fizeram sentir, ainda há um determinado estigma em relação à mulher poder ou não fazer determinadas coisas. Eu penso que há uma grande

vitória a esse nível, mas ainda há um bocadinho o estigma de que a mulher não pode fazer determinadas coisas que até há bem pouco tempo estavam apenas destinadas a serem os homens a fazer.

Cada vez há mais mulheres a tirar licenciaturas em Comunicação Social, muito mais do que os homens... acha que o facto de estarem a haver cada vez mais mulheres dentro de uma redacção, poderá fazer com que se comece a criar um jornalismo no feminino?

Não, mas também acho outra coisa. Acho que a tua pergunta pode ter uma segunda pergunta, que é: como é que as mulheres no geral vêm essa entrada em áreas que até aqui pertenciam apenas aos homens?

Como é o caso do desporto...

Como é o caso do desporto. Qualquer profissional, de qualquer área, tem de se implantar pela sua qualidade profissional e pelo seu carácter. E é muito mau, e acho que isso acontece mais nas mulheres do que nos homens, que elas pensem que se vão implantar pela sua beleza ou pela sua imagem. Eu espero que esta revolução que está a acontecer ajude a que haja cada vez mais mulheres jornalistas a ocuparem postos de referência, sejam eles quais forem, até porque as mulheres têm uma intuição muito própria, têm um tal sexto sentido que os homens não têm, são mais espertas, são mais difíceis de lidar. E portanto, espero que isso também seja aproveitado nas mulheres como uma grande vitória da competência, do carácter e da qualidade e não tanto pela vitória da beleza. Atingir certos cargos só porque se é bonita não me parece que dê grande futuro.

Então acha que as mulheres continuam a acreditar que, pelo facto de terem uma boa imagem, vão conseguir chegar longe e, por isso, não se esforçam tanto?

Até há bem pouco tempo eu acho que sim. No caso da tua geração sinceramente acho que não estão nem aí para isso. Não chega ser bonita para atingir determinados posicionamentos, tem que se ter mais qualidade. E eu espero que vocês ajudem a que isso aconteça.

Aqui na SIC há muitas mulheres jornalistas...mas a direcção de informação é toda composta por homens. De alguma maneira isso pode influenciar as tomadas de decisão?

Não. A SIC foi uma das primeiras empresas ao nível da comunicação social em Portugal que teve muitas mulheres na área de decisão. Conjunturalmente, neste momento, realmente são só homens, mas eu penso que é apenas conjunturalmente. O próprio grupo Impresa tem mulheres nesta altura em cargos de grande responsabilidade.

O estigma já está um bocadinho ultrapassado?

Como outros estigmas que felizmente a sociedade portuguesa está a ultrapassar, esse é das coisas mais idiotas que já vi. É idiota pensar se é o homem ou a mulher que tem mais força, mais presença, se é mais importante...

Ainda parte da atitude da mulher e do seu papel na sociedade?

Talvez. Eu quando estou a dizer que espero que esse estigma esteja a ser ultrapassado, eu reconheço que ele ainda existe. Mas muito sinceramente sinto que esse estigma está prestes a ser completamente ultrapassado. E aí penso que as mulheres têm tido um papel muito importante na forma como também tiveram capacidade para se tornarem independentes, com voz própria. Mas graças a Deus, acho que nesse aspecto o nosso país está muito à frente.

Há situações em que é diferente trabalhar com um homem ou trabalhar com uma mulher?

Não. Eu já vi muitas mulheres incompetentes na área do jornalismo e homens então nem se fala, mas também já vi o inverso! Tenho lidado com mulheres de grande competência profissional e com homens também. Portanto, em relação a isso, eu não sinto isso. Eu sinto é que é capaz de ser mais difícil ser entrevistado por uma mulher competente, porque a mulher empresta-lhe ali um rasgo muito próprio que, por vezes, eu acho que transforma a entrevista numa entrevista muito mais pessoal. A intuição feminina, a curiosidade, uma maneira de estar muito própria, muito feminina.

Quais são os principais desafios, as principais dificuldades, na profissão de jornalista?

Bem, eu tenho de dividir essa tua pergunta em duas fases. A primeira fase é a fase da dificuldade normal de se chegar a uma profissão e de nos implantarmos nela, de crescermos nela e de termos capacidade para esperar pela nossa oportunidade. Nesse período de espera temos de ter a capacidade e o discernimento de percebermos que não podemos tirar o pé, que temos de nos manter sempre vivos, actuates, actualizados, com

competência suficiente para quando um dia uma oportunidade chegar estarmos á altura dela. Eu falo por mim... Eu tive sempre isso como uma norma na minha vida. Foi muito difícil chegar onde cheguei e tive que muitas vezes apelar à minha capacidade de acreditar, de pedir a Deus, que era capaz de lá chegar, mas trabalhando muito e não pisando ninguém. É muito importante, mais do que se ser humilde, ser-se objectivo e realista naquilo que se está a fazer. E aí entra a segunda fase que eu te queria dizer. Eu acho que esta fase não é fácil. Eu noto que esta geração, a tua geração por exemplo, é ali a geração entre os 22 e os 25 anos, é uma geração de grande capacidade. Mas eu acho que esta fase é muito difícil para vocês, é um grande desafio para estas gerações... É o desafio de saberem esperar, de terem a humildade suficiente para perceberem que os pais, devido a uma conjuntura mundial, lhes permitiu ter coisas que à partida se calhar de outra maneira não seria possível, que hoje não é possível, e que pela primeira vez têm que ser vocês a assumir as vossas responsabilidades. Tudo vai ser ultrapassado e vocês vão ter todos o vosso espaço, se tudo correr bem. Mas até lá chegarem, é um apelo à vossa humildade, ao vosso realismo e à vossa vivência. Portanto, são duas coisas que eu acho que estão aqui interligadas.

Anexo 6 – Entrevista Miguel Franco de Andrade

Nome: Miguel Franco de Andrade

Idade: 38 anos

Habitações: Licenciatura em Comunicação Social, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa

Experiência na área: 17 anos

Área: Jornalista Cultura

Considera que na SIC existe desigualdade entre homens e mulheres?

Do ponto de vista da minha experiência pessoal não sinto qualquer tipo de discriminação ou desigualdade. Mas olhando para as coisas na redacção acho que é notório de que, apesar de haver muitas mulheres, elas não são de todo maioritárias nos cargos de chefia. Na direcção de informação não há nenhuma mulher. Elas começam a aparecer como editoras, coordenadoras, pivôs... Portanto eu diria que, apesar de nunca ter sentido que o sexo da pessoa influenciasse o cargo que ela desempenha, constata-se que não há praticamente mulheres em cargos de chefia.

E acha que, de alguma maneira, o trabalho da mulher jornalista se difere do do homem? As mulheres poderão ter mais sensibilidade para abordar alguns temas?

Eu acho que todos nós somos sobretudo pessoas. E acho que as pessoas têm sobretudo características pessoais. Do ponto de vista social, acho que essas diferenças se estão a esbater cada vez mais. Do ponto de vista da ciência e da genética diria que, não propriamente pela sensibilidade, mas as mulheres são capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo, são capazes de acompanhar vários processos em simultâneo e, portanto, até seriam boas para gerir equipas. Os homens são mais focados para tarefas imediatas, concretas, que exigem foco e concentração. No entanto, aqui na SIC, conheço mulheres que têm estas características tradicionalmente consideradas masculinas e homens que têm as tais características femininas. Portanto, não tenho uma resposta definitiva em relação a

isso. Constatamos sim que, talvez por questões genéticas ou por questões de hábito cultural, as mulheres estão mais habituadas a gerir sensibilidades, equipas, casos pessoais. Porque as mulheres também são mães, têm filhos doentes ou têm de tratar da comida... E como isso ainda acontece hoje em dia na sociedade, acho que depois acaba por ser reflectir nas atitudes que elas tomam. Mas do ponto de vista puramente genético, acho que não existe propriamente desigualdade.

Mas não acha que continuam a associar muito a mulher à imagem e ao homem menos a imagem e mais a competência?

Sim. Eu acho que a imagem sempre foi associada à mulher, a mulher sempre foi o género bonito para mostrar. E portanto há uma tendência a associar a mulher à beleza, à imagem. Mas acho que ao homem também, as coisas têm tendência a misturar-se. Nos últimos anos, o homem também tem tendência a transformar-se em objecto de imagem, de desejo e até de futilidade. E a mulher, simultaneamente, também se tem associado mais à competência. Portanto, acho que estamos a viver um momento de grande alteração dos papéis sociais do género. Nós nestes 40 anos de democracia estamos a dar passos largos nessa actualização em relação ao mundo, que também ele próprio está a mudar. As coisas estão numa fase de transição, não se sabe bem para quê, mas parece ser no sentido da igualdade de género.

Mas o facto de aqui na SIC não existir igualdade nos cargos de direcção, que são apenas compostos por homens... de alguma maneira isso pode influenciar as tomadas de decisão? Como jornalista que está sob “ordens” das chefias, nota que poderá existir isso?

Não. Isso é um bocado hipotético. Eu não acho que haja características de chefia puramente masculinas ou puramente femininas. Portanto, penso que isso não acontece sinceramente.

Estando na editoria da cultura, a trabalhar numa área em que são só mulheres, sente que há algum condicionamento, alguma vantagem...?

Se falar em características de trabalhar só com mulheres, aí há diferenças. Não na chefia necessariamente, mas nas características de trabalhar com mulheres. E mais uma vez volto a frisar, não pelo facto de serem mulheres ou de terem nascido mulheres, mas pelo papel social do género feminino. As mulheres falam muito mais da vida pessoal do que os homens, por exemplo... E isso, por um lado, é bom, porque as pessoas também se

conhecem mais facilmente e conhecem mais pormenores sobre a vida pessoal de cada um. Por outro lado, também pode ser mau, porque às vezes pode aparecer aquele lado mais negativo que se associa às mulheres, que é o de se meterem na vida umas das outras ou de passarem certas barreiras pessoais. Mas do ponto de vista profissional não noto propriamente nada. Mais uma vez no campo hipotético... Talvez se não fossem tantas mulheres não abordaríamos tantos temas sociais e abordaríamos temas que interessassem mais aos homens... Mas desconfio que não.

O jornalismo é uma área que está a ficar muito marcada por mulheres, também porque há cada vez mais mulheres a ingressar nos cursos de Comunicação Social... Acha que isto de alguma maneira está a retirar o poder masculino na profissão?

Não sei. Esse poder dos homens é inequívoco, mas é também culpa das mulheres, porque são elas que muitas vezes perpetuam esse machismo nos próprios homens. Mas haver mais mulheres na profissão não torna necessariamente a profissão menos machista, se é que é de alguma forma. O mundo é sem dúvida machista mas é também por culpa das mulheres. No entanto, com essa entrada das mulheres no jornalismo, estamos-nos a reconciliar e quase a fazer as pazes com um direito que foi roubado às mulheres durante séculos, que é o de terem os mesmos direitos que os homens, nomeadamente no acesso à profissão e no gozo da profissão. Por isso, só coisas boas podem advir daí. Se vai alterar grande coisa? Sinceramente não sei.

Anexo 7 – Entrevista José Gomes Ferreira

Nome: José Gomes Ferreira

Cargo: Sub-director de informação SIC

Nas decisões que tem de tomar no seu dia-a-dia como sub-director de informação, de alguma maneira a questão de género pesa?

Não, de maneira nenhuma. Os jornalistas desta casa são igualmente competentes, sejam homens ou mulheres. Há diferença é pelo histórico da sua prestação na profissão. Ou seja, se são mais novos ou se já têm mais experiência, aí sim é que a abordagem é diferente. De género não há nenhuma diferença. Todos eles fazem igualmente bem e todos eles precisam de ser bem enquadrados e de ter os meios para poder desempenhar o seu trabalho. Dito isto, não há diferença nenhuma de género, absolutamente. Eu não sinto nem nunca senti.

E será que há alguma explicação para o facto de existirem muitas mulheres jornalistas na SIC mas na direcção de informação existirem apenas homens?

Isso são particularidades que têm a ver com o percurso de cada um. Se quisermos ser racionais e objectivos neste assunto, temos que ver a questão de género da seguinte forma. Para todos os efeitos, quando um casal tem filhos, a mulher fica mais tempo com as crianças. E isto é objectivo, não é uma manifestação de um desejo nem uma valoração, é assim na vida das pessoas. Em grande parte isso influencia a carreira seja no jornalismo, seja noutras áreas. A própria situação em que as mães ao longo da vida dedicam naturalmente mais tempo aos filhos influencia as carreiras. Aquelas que conseguem ter mais apoio certamente que têm mais facilidade de fazer uma carreira que exige muito tempo, horas infinitas, muita dedicação, muita atenção. Mas nem sempre isso é fácil. E em jornalismo, nomeadamente em cargos de responsabilidade em empresas editoriais, a dedicação tem de ser a 100%, porque a realidade está sempre a mudar. Volto a dizer, não é uma valoração nem é uma manifestação de um desejo, é uma tentativa de explicação do facto de nos cargos de topo normalmente não existirem mulheres. Mas as pessoas são igualmente competentes, são dedicadas... e nesta casa todos os jornalistas em geral são altamente profissionais. A diferença de tratamento é de facto face ao histórico de cada um.

No jornalismo em geral, também por estarmos em televisão, continuam a associar muito a mulher à imagem...acha que também é exigida essa característica ao homem ou a eles é-lhes exigida mais a competência?

Eu acho que é igualmente importante ter uma boa imagem e uma boa apresentação. Isso não se estabelece. Se me perguntarem em termos psicossociológicos se há alguma sensibilidade maior da mulher pivô em relação a certos temas, talvez haja, nomeadamente em temas mais sociais. E isso pode ser mais objectivo em algumas pivôs. Mas um apresentador masculino se se dedicar aos temas tem uma prestação equivalente. Portanto, nem por aí me parece que haja grande diferença.

Quando há reportagens para ser feitas, sobre diversos temas, a questão de género pode pesar? Há algum critério de selecção?

Não, não há essa distinção. A única que talvez pudesse haver ou que existe em termos históricos verificados é no desporto, em que o meio às vezes tem uma componente de agressividade à volta de quem desenvolve a sua actividade no terreno. É um meio mais masculino por definição. Nos estádios vão mais homens que mulheres, existe mais agressividade verbal, às vezes existe agressividade física... E, por isso, tende a ser uma área mais acompanhada e mais coberta, em termos de jornalismo profissional, por homens. Mas também existem mulheres nessa área e felizmente que é assim! Mas também poderia ser mais, se existissem mais jornalistas nesta área... E lá estariam seguramente com uma boa prestação.

Mas aqui na SIC até há muitas mulheres na equipa do desporto...

É equilibrada a equipa! Não é uma questão que nasça previamente, nem há ninguém na direcção que faça o enquadramento hierárquico a dizer que quer que seja assim. Aconteceu assim! Surgiram pessoas com vocações para esta área e, felizmente, apareceram mulheres. A cobertura no terreno tende, em geral, não só na SIC, a ser acompanhada mais por homens do que mulheres, porque é um meio mais agressivo, basicamente é essa a razão. Sendo certo que, nas coberturas de eventos desportivos com mais perigo, a presença feminina, na maior parte das vezes, é um dissuasor. Os próprios adeptos muitas vezes inibem-se de certos comportamentos quando há uma jornalista no terreno. Há o respeito pela figura feminina por parte dos adeptos.

Acha que na sociedade em geral ainda existe muita desigualdade entre homens e mulheres? O estereótipo estará ou não ultrapassado?

Eu acho que isso existe. De facto, existem profissões maioritariamente masculinas. Existem certas actividades e certa projecção na sociedade que, por vezes, é maioritariamente masculina. Mas também existem outras profissões e outras áreas em que a predominância é feminina. Eu penso que não há uma intencionalidade das instituições de que seja assim. Volto a dizer, há questões sociológicas que explicam porque é que, por vezes, as mulheres não estão disponíveis para certas profissões.

Acha que elas próprias também se deixam levar por esse estereótipo... Não se integram como deveriam nas profissões?

Eu não diria que é um estereótipo. As mulheres naturalmente tendem a desejar as profissões que os homens ocupam só que, por vezes, objectivamente, não têm essas condições. Se me disserem que é a sociedade que está organizada de uma maneira que podia ser diferente? Eu digo que sim. E se isso reflecte uma maneira de pensar e um estereótipo? Já nem tanto. Há umas décadas sim, agora não. As mulheres só não se tornam profissionais, com uma carreira dedicada a determinadas profissões, porque objectivamente não conseguem. Porque precisam de acompanhar os filhos, porque querem constituir família, porque o homem tem outra ocupação. Havendo casos da figura masculina querer assumir a parentalidade, a verdade é que a mulher tende a querer desempenhar ela esse papel. É assim, está nos cromossomas. E, por essa razão, existem profissões em que predominam os homens. Porque as competências existem igualmente, nos dois sexos.

Anexo 8 – Entrevista António José Teixeira

Nome: António José Teixeira

Cargo: Director SIC Notícias

Começava por lhe perguntar se acha que de alguma maneira a questão de género está presente na mente dos directores da SIC?

Muito sinceramente, e isto pode eventualmente até ter várias interpretações, mas essa nunca foi uma questão que verdadeiramente se me colocasse. Não excludo que existe na sociedade portuguesa, como em muitas outras, questões que não estão resolvidas em termos de desigualdade de oportunidades e de tratamento entre homens e mulheres no exercício profissional. Obviamente que esses problemas existem e eu não os quero negar. Mas na minha experiência, mesmo enquanto estudante universitário, nunca senti isso. Já no início dos anos 80, na faculdade, as turmas eram muito curtas e a grande maioria eram mulheres. Obviamente que isso teve reflexos anos depois nas redacções! Aqui na nossa redacção, não há uma contabilidade. Valha a verdade que nós também nunca nos guiámos por esse critério, mas muito provavelmente haverá mais mulheres do que homens. E isso decorre, em boa parte, daquilo que também é a realidade social, no ensino universitário com mais mulheres do que homens...

Mais mulheres a ingressar nos cursos de comunicação social...

Mais mulheres a ingressar nos cursos de comunicação social, mais mulheres também nas redacções. Portanto, esse caminho tem-se feito. Eu tenho responsabilidades de chefia há muitos anos e não me parece que essa questão alguma vez se me colocasse. Já tive oportunidade de fazer diversas escolhas... Enquanto director de jornal, por exemplo, convidei uma mulher para directora adjunta. Mas quer dizer, não pensei que era por ser mulher, pensei que ela tinha capacidade, competência, experiência, e eu gostava muito de a ter a trabalhar connosco e que fizesse parte da equipa. Mas nunca por ser mulher, nem os homens por serem homens.

Mesmo aqui na SIC nas escolhas que tem de fazer como director, essa questão não lhe pesa?

Não, se não até diriam que eu estou a marginalizar os homens. As editoras que temos, com excepção de economia, são todas mulheres. Se me perguntar se foi propositado eu respondo que não. Se formos a ver também os coordenadores, nas equipas da SIC Notícias, a maioria são mulheres.

Mas noto que aqui na SIC há muitas mulheres jornalistas, se calhar até mais do que homens, mas a direcção de informação é toda ocupada por homens...há alguma razão para isto acontecer?

A direcção sim, mas não me parece que tenha sido pelo facto de sermos homens ou de sermos mulheres. A SIC Notícias já teve uma directora, mulher. Não me parece que a escolha dela tenha sido por ser mulher, nem o facto de haver homens tenha sido por ser homens. Resumir a questão de género numa questão aritmética é empobrecer muito a questão. Eu sei que a questão de género é pertinente e que se pode colocar, mas acho que, apesar de tudo, na sociedade portuguesa já se evoluiu o suficiente. Preocupa-me mais que em algumas situações profissionais, e não necessariamente no jornalismo, as retribuições das mulheres sejam inferiores às dos homens, para trabalhos exactamente iguais. Acho que isso não faz sentido e é obviamente absurdo. As mulheres não devem ser penalizadas por eventualmente terem outras preocupações, seja desde logo com a sua condição de mãe. Mas isso faz parte da nossa vida e é um papel que devemos valorizar.

Considera que à mulher continuam a exigir muito a imagem e não tanto a competência, contrariamente ao homem? Acha que isto faz sentido?

A imagem em televisão é importante, porque a televisão em boa parte é imagem. Mas as questões de imagem não se colocam só às mulheres. A questão da imagem não se coloca aos homens porquê? Os homens têm que ser desleixados, ter má aparência, cuidar-se mal? E isso até deve ser privilegiado? Não, seria absurdo. Na SIC Notícias, por exemplo, uma das apostas que tínhamos em termos de apresentação de informação eram duplas, um homem e uma mulher, era uma imagem de marca da própria estação! Obviamente que hoje as nossas condições para as manter não são as mesmas... Mas sinceramente, não sei como é que essa questão se pode analisar...

Acha que os cuidados são iguais para homem ou mulher?

Não sei. Dir-me-ão que na sociedade contemporânea em geral, não só em Portugal, os cuidados de aparência que as mulheres têm são maiores que os dos homens. Mas se calhar esse desequilíbrio de cuidados já foi maior. Os homens hoje já cuidam mais da sua aparência do que no passado se terão cuidado. Por exemplo, o Jornal da Noite tem dois pivôs, um homem e uma mulher, que alternam durante a semana. Ao fim de semana temos num dia um homem e, no outro, uma mulher. Por isso, volto a dizer, a questão da imagem é muito relevante em televisão mas coloca-se em relação aos dois sexos. Nós não achamos que por ser homem a aparência não conte. Ou que uma mulher por ser bonita não se lhe exija competência. E eu dou um exemplo prático para percebermos isso... Nós num período nobre de emissão da SIC Notícias, que é à noite, temos mulheres pivôs que se auto coordenam. No caso do entretenimento poderão haver outras especificidades mas na informação a única coisa que nos preocupa é a qualidade da informação que temos. Pode ser um homem ou uma mulher a fazê-lo.

E acha que na sociedade em geral ainda existe discriminação entre homens e mulheres?

Eu acho que ainda há mas já se evoluiu bastante. A mulher teve acesso em termos profissionais a praticamente tudo o que o homem fazia, a muitos dos lugares que no passado eram maioritariamente garantidos por homens. Mas acho que, muitas vezes, a mulher acabou por ganhar uma sobrecarga de trabalho porque acumulou isso com outro tipo de funções. Hoje não tem tanto a ver com falta de acesso a oportunidades profissionais, mas mais por um desgaste grande por acumular várias tarefas na sua vida. No caso do jornalismo essas questões também se podem colocar, o peso das responsabilidades pessoais e familiares, mas acho que a sociedade gradualmente vai encontrando soluções para esses problemas.

E no futuro poderemos assistir a uma mudança nessa área?

Eu tenho sempre muita relutância... Eu sou convictamente adepto de que deve ser a competência das pessoas, independentemente do sexo, a ditar as oportunidades e a preencher os lugares. E não me parece que o ser homem ou ser mulher seja relevante. Acho que há uma ideia de eficácia e de qualidade que não se compadece com preconceitos ultrapassados e tontos. Portanto, o meu interesse enquanto líder de equipas é que as coisas funcionem o melhor que seja possível e se são homens ou mulheres a fazer, isso nunca me passa pela cabeça! Que as pessoas ainda poderão ter algum preconceito, residual e

inconsciente, isso é incontrolado... Mas acho que devemos eliminar as barreiras e os preconceitos que existem e combatê-los! Esse caminho tem vindo a ser feito mas ainda há coisas por resolver, embora não me pareça que se resolvam esses problemas de forma artificial. Tudo pode e deve ser feito por homens ou mulheres. Obviamente que as sensibilidades são diferentes... E também o facto de haver homens e mulheres em funções idênticas numa redacção enriquece... Devemos tirar partido disso também. Mas também aí devemos ter cuidado em não ter preconceitos, porque não há territórios vedados a nenhum dos sexos.

Anexo 9 - Reportagens

No endereço que se segue encontram-se as principais reportagens realizadas por mim durante o estágio na SIC. A sonorização é feita por jornalistas profissionais - os estagiários não são autorizados a dar voz às peças.

Endereço *online*:

<http://www.youtube.com/user/spiderlips/videos>

Anexo 10 - Contrato de estágio

Ver, por favor, páginas seguintes.



DM
F.
P.

CONTRATO DE FORMAÇÃO

Ao DÉCIMO dia do mês de DEZEMBRO de DOIS MIL E DOZE, em Carnaxide, entre: -----

1º SIC - SOCIEDADE INDEPENDENTE DE COMUNICAÇÃO, S.A., com sede na Estrada da Outurela, 119, 2794-052 Carnaxide, com o capital social de 24.440.350,00€, pessoa coletiva número 501 940 626, representada por Francisco Pedro Presas Pinto Balsemão e Rogério Paulo de Saldanha Pereira Vieira, na qualidade de administradores com poderes para o ato, conforme certidão permanente do registo comercial com o código de acesso 4670-2354-7079, disponível em <https://www.portaldaempresa.pt>, doravante designada como «SIC» e -----

2º DIANA CATARINA DE FREITAS MARQUES, solteira, maior, residente na Rua António Galvão, nº 9, 3ªA, 2780-047 Oeiras, portadora do Cartão de Cidadão nº 13591058 7 ZZ3, adiante designada «Formando», -----

CONSIDERANDO que o Formando solicitou à SIC que lhe proporcionasse a realização de estágio de formação de curta duração, que ao Formando é necessário para efeitos curriculares, -----

E CONSIDERANDO que a SIC aceitou tal solicitação, para um estágio pelo período de 6 meses, estando ambas as partes cientes de que o vínculo que para esse efeito se estabelece pelo presente contrato tem natureza estritamente precária, não sendo intenção de qualquer delas, neste momento, a integração do Formando nos quadros da SIC, -----

É AJUSTADO E RECIPROCAMENTE ACEITE um contrato de formação a termo certo que se regerá pelas cláusulas seguintes: -----

1. Ao abrigo do presente contrato, irá o Formando prestar estágio curricular, como *Jornalista Estagiário* sob a orientação da administração da SIC ou de quem esta indicar para esse efeito. -----

2. O estágio decorrerá nas instalações da sede da SIC, podendo no entanto a esta determinar que o Formando se possa deslocar a outros locais, quando esse condicionalismo se revelar adequado para efeitos de boa aprendizagem e

SOCIEDADE INDEPENDENTE DE COMUNICAÇÃO, S.A.

CAPITAL SOCIAL € 24.440.350 • NIF 501 940 626 • CRC OEIRAS N.º 8673

ESTRADA DA OUTURELA, 119 • 2794-052 CARNAXIDE • PORTUGAL • TEL.: +351 21 417 9550 • FAX: +351 21 417 4061

DELEGACÃO DO NORTE: RUA CONSELHEIRO COSTA BRAGA, 502 • 4450-102 MATOSINHOS • PORTUGAL • TEL.: 22 043 70 00



TS.
DM

aperfeiçoamento profissional deste, constituindo assim um complemento prático à sua formação escolar, académica ou pré-profissional. -----

3. O estágio terá a duração semanal de trinta e cinco horas, repartidas pelo horário que seja, em cada momento fixado pela SIC. -----

4. O presente contrato não constitui um contrato de trabalho, pelo que não são devidas contrapartidas monetárias ao Formando. -----

5. O presente contrato é celebrado pelo prazo de **6 meses**, e a sua execução tem início na presente data e o seu termo ocorrerá em **9 de junho de 2013**. -----

6. O termo acordado na cláusula antecedente justifica-se por o presente contrato ser celebrado para apenas para proporcionar ao Formando o estágio curricular necessário à formação pré-profissional do Formando, sendo assim estabelecido no exclusivo interesse deste. -----

7. A SIC considera que a motivação descrita no número anterior torna legalmente admissível a aposição de termo ao presente contrato, mesmo tendo em conta a possibilidade da sua qualificação como contrato de trabalho subordinado (qualificação que as partes expressamente declaram não corresponder à sua vontade real), circunstância essa que foi determinante para a formação da sua vontade contratual, pois que sem ela não teria, de todo, admitido o Formando ao seu serviço, fosse em que regime fosse. O Formando expressamente reconhece e aceita como essencial tal circunstância para todos os efeitos legais, nomeadamente os do nº 1 do art. 252º do Cód. Civil. -----

8. O Formando desde já renuncia, pelos motivos expostos na cláusula sétima a qualquer compensação pela caducidade do presente contrato, reconhecendo o Formando expressamente que a SIC não assume, pelo presente, qualquer obrigação de contratar o Formando para os seus quadros no final do estágio, nem de, por qualquer outra forma, lhe conseguir colocação profissional. -----

9. A propriedade final, bem como os direitos de propriedade industrial e intelectual sobre os novos produtos, processos ou sistemas que venham a resultar dos trabalhos realizados no âmbito dos estágios ao abrigo do presente Protocolo pertencem à SIC. -

SOCIEDADE INDEPENDENTE DE COMUNICAÇÃO, S.A.

CAPITAL SOCIAL € 24.440.350 • NIF 501 940 626 • CRC OEIRAS N.º 8673

ESTRADA DA OUTURELA, 119 • 2794-052 CARNAXIDE • PORTUGAL • TEL.: +351 21 417 9550 • FAX: +351 21 417 4061

DELEGAÇÃO DO NORTE: RUA CONSELHEIRO COSTA BRAGA, 502 • 4450-102 MATOSINHOS • PORTUGAL • TEL.: 22 043 70 00



DN
3
K

10. A decisão de proteção dos direitos de propriedade industrial sobre os novos produtos, processos ou sistemas referidos no número anterior cabe à SIC. -----

11. Nos termos do número anterior, caberá também à SIC a decisão sobre o âmbito, tempo e extensão de proteção dos direitos de propriedade intelectual e industrial. --

12. Eventuais publicações decorrentes das ações empreendidas ao abrigo deste Protocolo serão feitas de acordo com os critérios da SIC, sob a supervisão de um técnico(a) por ela designado. -----

13. A SIC não se responsabiliza por qualquer acidente sofrido pelo Formando no cumprimento do estágio, quer ocorra dentro ou fora das suas instalações, decorrendo naturalmente da não qualificação deste contrato como contrato de trabalho que a SIC não tem obrigação de incluir o Formando na sua apólice de acidentes de trabalho, devendo o Formando fazer prova perante a SIC, quando esta a entenda solicitar, de que se encontra abrangido por seguro de acidentes de trabalho individualmente por si contratado, sendo todos os respectivos encargos de sua exclusiva conta. -----

14. Fica desde já denunciado o presente contrato para o seu termo, pelo que o mesmo não será suscetível de renovação automática, caducando no final do prazo acordado. Sem embargo, o vertente contrato poderá cessar livremente antes do seu termo final, por simples iniciativa de qualquer das partes, não sendo devida nenhuma indemnização a esse título. -----

15. Ao abrigo do nº 1 do artigo 223º do Código Civil, fica acordado que, no caso de as partes se desejarem vincular por contrato de trabalho, deverá este ter forma escrita, pelo que a continuação em funções ao serviço da SIC para além do termo do prazo do contrato de formação, na ausência de contrato escrito não poderá ser invocado pelo Formando contra a SIC como fonte de relação laboral. -----

SOCIEDADE INDEPENDENTE DE COMUNICAÇÃO, S.A.

CAPITAL SOCIAL € 24.440.350 • NIF 501 940 626 • CRC OEIRAS N.º 8673

ESTRADA DA OUTURELA, 119 • 2794-052 CARNAXIDE • PORTUGAL • TEL.: +351 21 417 9550 • FAX: +351 21 417 4061

DELEGAÇÃO DO NORTE: RUA CONSELHEIRO COSTA BRAGA, 502 • 4450-102 MATOSINHOS • PORTUGAL • TEL.: 22 043 70 00



FEITO E ASSINADO em duas vias, na data e local constantes do proémio,

P'la SIC,

Harald K. Tzschernig

O Formando,

Diana Marques

SOCIEDADE INDEPENDENTE DE COMUNICAÇÃO, S.A.

CAPITAL SOCIAL € 24.440.350 • NIF 501 940 626 • CRC OEIRAS N.º 8673

ESTRADA DA OUTURELA, 119 • 2794-052 CARNAXIDE • PORTUGAL • TEL.: +351 21 417 9550 • FAX: +351 21 417 4061

DELEGAÇÃO DO NORTE: RUA CONSELHEIRO COSTA BRAGA, 502 • 4450-102 MATOSINHOS • PORTUGAL • TEL.: 22 043 70 00